



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
COMUNICAÇÃO SOCIAL – PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

MARCOS ANTÔNIO DA PONTE ALBUQUERQUE PORTELA

**O PROSSUMERISMO DOS DIÁRIOS VIRTUAIS COMO FERRAMENTA DE
COMUNICAÇÃO E ENGAJAMENTO: ESTUDO DO CASO “DIÁRIO DE CLASSE”**

**FORTALEZA-CE
2013**

MARCOS ANTÔNIO DA PONTE ALBUQUERQUE PORTELA

**O PROSSUMERISMO DOS DIÁRIOS VIRTUAIS COMO FERRAMENTA DE
COMUNICAÇÃO E ENGAJAMENTO: ESTUDO DO CASO “DIÁRIO DE
CLASSE”**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda, sob orientação da Prof^a. Soraya Madeira da Silva.

FORTALEZA – CE

2013

MARCOS ANTÔNIO DA PONTE ALBUQUERQUE PORTELA

**O PROSSUMERISMO DOS DIÁRIOS VIRTUAIS COMO FERRAMENTA DE
COMUNICAÇÃO E ENGAJAMENTO: ESTUDO DO CASO “DIÁRIO DE
CLASSE”**

Esta monografia foi submetida ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que feita de acordo com as normas da ética científica.

Monografia apresentada à banca examinadora:

Prof^ª. Soraya Madeira da Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará

Prof^ª Ms^ª. Janice Leal de Carvalho (Membro)
Universidade Estadual do Ceará

Prof^ª. Esp. Fernanda Bôto Paz Aragão (Membro)
Universidade Federal do Ceará

FORTALEZA – CE

2013

EPÍGRAFE

"Se você falar com um homem numa linguagem que ele compreende, isso entra na cabeça dele. Se você falar com ele em sua própria linguagem, você atinge seu coração."

Nelson Mandela

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me ajuda a trilhar um caminho sempre com a certeza de que é na dificuldade que a nossa mente e corpo evoluem harmoniosamente.

À minha avó, que em meio a tantas dificuldades priorizou minha educação e confia em mim de uma forma que ninguém mais o faz. Muito obrigado por fazer parte de tudo que eu me transformei!

Ao meu pai, sem o apoio dele eu tenho certeza que as minhas conquistas seriam muito mais difíceis.

A minha orientadora Soraya Madeira que “me achou” desesperado na coordenação da UFC em busca de uma orientação e prontamente se ofereceu e ajudou bastante com sua parcimonia e dedicação. Muito obrigado, Soraya!

Aos amigos para a vida toda que o curso de Comunicação me apresentou: Priscilla Sampaio, Jocastra Paz, Marcella Rodrigues, Rainer Leal, Flávio Augusto (Fly), Priscila Façanha, Isadora Castro, Resiane Cruz, Marcus Vinícius, Mariana Campos, Izaíra Queiroz, Sara Aragão. Obrigado pela amizade e companheirismo de todos!

SUMÁRIO

Resumo	6
Lista de figuras	7
Introdução	8
CAPÍTULO 1: PROSSUMERISMO E INTERNET	10
1.1. Dos primórdios à web 2.0	10
1.2. Cibercultura e sociedade pós-moderna	14
1.3. Prosumerismo nas redes sociais da internet	21
CAPÍTULO 2: OS DISCURSOS CIBERATIVISTAS DOS DIÁRIOS VIRTUAIS	30
2.1. Comunicação e interações a partir da linguagem	30
2.2. O desenvolvimento dos diários virtuais	33
2.3. O discurso ciberativista	38
CAPÍTULO 3: ESTUDO DO CASO DIÁRIO DE CLASSE	42
3.1. Isadora Faber e o discurso ciberativista	42
3.2. Descrição da página Diário de Classe	43
3.3. Análise dos discursos da página Diário de Classe	45
Conclusão	54
Referências bibliográficas	56

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar como os discursos ciberativistas podem estimular os comportamentos de engajamento e uma cultura de participação, com o objetivo de lutar por transformações sociais. A partir da fan page Diário de Classe, desenvolvido pela estudante catarinense Isadora Faber, busca-se interpretar os comportamentos discursivos dos diários virtuais que se estabelecem como ferramenta de grande importância para o engajamento digital. As etapas deste trabalho compreendem: pesquisa bibliográfica relacionada à internet, interações mediadas por computador, redes sociais e cibercultura, ciberativismo e análise dos discursos por meio de livros, artigos e fontes eletrônicas. Como resultado percebe-se como os comportamentos no espaço hipermediático tendem a uma cultura da participação, onde os indivíduos se sentem livres para expressar pensamentos e aglutinar pessoas nos mesmos ideais, provocando o desejo de mudança social. Especificamente com a página Diário de Classe, teremos uma grande mobilização em torno das publicações diárias de Isadora para mostrar a realidade da educação pública brasileira, de modo a gerar o ativismo de outros indivíduos na luta pela educação de qualidade. Dessa forma, o projeto visa contribuir com o conhecimento cada vez mais aprofundado deste comportamento cada vez mais comum na internet.

Palavras-Chave: Engajamento, redes sociais, cibercultura, discursos, ciberativismo, Diário de Classe

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Isadora Faber	42
FIGURA 2: Capa da <i>fan page</i> Diário de Classe	43
FIGURA 3: Texto sobre a redução dos salários dos professores de Juazeiro do Norte-CE, na página Diário de Classe.....	45
FIGURA 4: Texto sobre a ausência de professores da escola, publicada na página Diário de Classe	46
FIGURA 5: Fotos de eventos e premiações com a presença de Isadora Faber	47
FIGURA 6: Isadora compartilha vídeo de música enviado por um seguidor	48
FIGURA 7: Mensagem de apoio em vídeo de fã, compartilhada por Isadora na página Diário de Classe	49
FIGURA 8: Postagem sobre o processo contra Isadora Faber	50
FIGURA 9: Reclamação acerca da falta de pintura da quadra escolar	51
FIGURA 10: Fotos de melhorias da estrutura da escola	52
FIGURA 11: Mensagem de divulgação do cardápio servido diariamente na escola de Isadora Faber	53

INTRODUÇÃO

Estamos vivenciando neste século uma nova perspectiva no comportamento dos indivíduos que aflorou, principalmente, com o desenvolvimento da chamada Web 2.0 e seus conceitos de compartilhamento, interatividade e liberdade, trazendo novas conceituações de cultura e espaço de interações.

O prosumerismo é uma tendência que se expande a partir dos novos comportamentos que se desenrolam no ambiente virtual. Os prosumers – do inglês *producer and consumer* – são os personagens resultantes da união dos papéis de produtor e consumidor, que deixa de ser apenas espectador para ganhar um protagonismo na sociedade conectada. Tal percepção permite observar dinâmicas que favorecem uma observação crítica dos problemas sociais.

Os diários virtuais e as mídias sociais são mecanismos que abrem espaço para o prossumerismo, por serem propícios para externar opiniões, compartilhar conteúdos e produzir materiais de cunho comunitário, porém, pouco explorados pelas mídias tradicionais. Isso permite o conhecimento por parte da sociedade de problemas e oportunidades que ficariam obsoletos à espera de divulgação por parte dos detentores do poder midiático atual. Com este acesso à informações, o senso crítico, as opiniões e o engajamento em busca de transformações se torna mais comum e menos restritivo.

Isadora Faber, adolescente de 13 anos, reuniu os conceitos de diário virtual, ciberativismo, prossumerismo à cibercultura ao criar a página Diária de Classe no site de redes sociais Facebook. Descrevendo o dia a dia e os principais problemas enfrentados para frequentar sua escola em Santa Catarina, a estudante promoveu uma grande movimentação em torno dos questionamentos sobre a qualidade da educação no Brasil. Com seus discursos, que variam entre as refeições servidas na escola, os problemas de infraestrutura, ameaças e pontos positivos, Isadora obteve a repercussão de seu diário virtual no Brasil e se tornou uma inspiração para várias pessoas que se engajaram na causa de buscar as transformações necessárias para um país melhor.

Diante de um ambiente propício à participação e ao engajamento das pessoas, tendo o ciberespaço como ambiente, o objetivo deste estudo é investigar o desenrolar dos processos que levaram o prossumerismo e o ciberativismo a se tornarem algumas das características que traçam o perfil da sociedade pós-moderna.

Assim, esta pesquisa irá satisfazer o desejo de imergir nas peculiaridades do universo hipermediático, onde identificamos uma grande participação das pessoas nas lutas por causas sociais, como os protestos em junho de 2013, durante a Copa das Confederações da FIFA, onde as mídias sociais tiveram papel fundamental.

Entre os vários casos que integram essa relação entre os discursos e a cultura da participação da internet, a página Diário de Classe oferece uma regularidade de publicações, permitindo um amplo campo de análises a partir dos tipos de conteúdos e discursos presentes na página. Dessa maneira, é possível imaginar que o objetivo de investigar os discursos que constroem o engajamento e o ciberativismo sejam alcançados.

Primeiramente, o trabalho buscará, a partir dos conceitos de vários estudiosos da Cibercultura, a evolução histórica e tecnológica da comunicação e da cultura hipermediática, além das características que cercam a cibercultura. Posteriormente, os discursos serão o tema principal, onde o foco será identificar como os discursos definem o ciberativismo, devido as práticas desenvolvidas através da linguagem para informar, engajar e gerar repercussão. Por último, ao analisar a página Diário de Classe, pesquisaremos a personificação dos conceitos apontados anteriormente, de forma a oferecer melhor compreensão das explicações apontadas nos capítulos anteriores, através da descrição da linha editorial do objeto de estudo de caso.

CAPÍTULO 1

PROSSUMERISMO E INTERNET

1.1. DOS PRIMÓRDIOS DA INTERNET À WEB 2.0

A segunda metade do século XX e o início do século XXI compreendem um período marcado por intensas transformações sociais que dão sequência a novos comportamentos, hábitos e características da sociedade pós-moderna.

A confluência entre o mundo tecnológico e social estabelece uma nova dinâmica onde os indivíduos estão cada vez mais conectados e influenciam a formação de novos fenômenos estudados pelas Ciências Humanas e Sociais. A Comunicação, por exemplo, torna-se uma estrutura importante para descrever as mudanças da sociedade contemporânea ao permitir o fortalecimento da conexão entre o mundo real e o virtual.

As grandes transformações do mundo foram determinadas pelo desenvolvimento da tecnologia. As Revoluções Industriais estimularam o aprimoramento tecnológico, principalmente a partir das inovações dos equipamentos militares. O desenvolvimento da alta tecnologia permitiu que algumas invenções fossem adaptadas e popularizadas na comunidade, principalmente às que estão ligadas à tecnologia da comunicação.

A primeira Revolução Industrial, apesar de não se basear em ciência, apoiava-se em um amplo uso de informações, aplicando e desenvolvendo os conhecimentos preexistentes. E a segunda Revolução Industrial, depois de 1850, foi caracterizada pelo papel decisivo da ciência ao promover a inovação (CASTELLS, 1999, p. 50).

Telefone, rádio e TV promoveram a mudança na forma como as pessoas se informam e interagem. Aos poucos, a mídia toma conta dos espaços reservados ao convívio social e insere sua influência nos conteúdos absorvidos pela sociedade. A Indústria Cultural¹ coloca o indivíduo em contato com imagens, sons e histórias distintas da sua, e influencia diretamente nos seus hábitos e nas suas realidades.

¹ Conceito desenvolvido por Theodor Adorno e Max Horkheimer, teóricos da Escola de Frankfurt, sobre o formato industrial da produção e consumo da cultura. Dessa forma, a “Indústria Cultural” são organizações com fins lucrativos que trabalham com a produção cultural midiática (rádio, TV, jornais e revistas).

Com essa contextualização, é possível notar que a história está sendo construída a partir de novos paradigmas midiáticos. O surgimento de novos meios de comunicação e a sua popularização, foram os responsáveis pelos novos comportamentos dos indivíduos desde então. Descobrir novas formas de transmitir informações e oferecer rapidez e segurança ao armazenamento de dados levou à evolução de equipamentos e o surgimento de outros meios de comunicação. As necessidades de praticidade, rapidez, segurança nos meios de comunicação foram estímulos ao fomento de estudos e pesquisas para trazer à sociedade algo que acomodasse todas essas demandas (CASTELLS, 1999).

A partir dessas necessidades, a internet desponta uma mídia que se destaca das outras ditas tradicionais, como jornal, rádio e TV, ao se constituir uma evolução onde as principais características das outras mídias se reúnem em um único meio. Sua diferenciação se efetiva a partir de seu uso e aplicações. O polo de emissão da mensagem deixa de possuir a hierarquia entre o emissor (o que envia) e o receptor (o que recebe). A horizontalidade na comunicação induz ao entendimento da web como um espaço de informação, interações e comunicação.

No início, a internet servia às universidades e grandes empresas, que usufruíram sua forma embrionária. Neste período, o objetivo era oferecer o envio e o recebimento de arquivos de forma rápida, ainda que a complexidade dos sistemas oferecesse restrições a quem não possuía o conhecimento técnico no manejo destes equipamentos. Além disso, o tamanho do maquinário era outro motivo para que fosse mais difícil a popularização. A partir da transferência na administração da rede para organizações não governamentais em 1995 (MONTEIRO, 2001), a organização das redes e simplificação dos softwares dos sistemas operacionais Windows (Microsoft), Mac (Apple) e Linux (software livre), a internet se popularizou. E esta mídia teve ainda mais força com a chegada dos computadores às casas das pessoas na década de 1990. Com este cenário, a percepção é de que seria necessária uma plataforma que atendesse às necessidades dos usuários, como foram assim batizados os consumidores da Internet (NIELSEN *apud* OLIVEIRA, 2007).

Dessa forma a internet amplia sua atuação com o surgimento da WWW² (World Wide Web), “teia de alcance mundial em inglês” (MONTEIRO, 2001, p. 3) e da

²WWW é um sistema de documentos que são interligados e executados na Internet. Os documentos podem estar na forma de vídeos, sons, hipertextos e figuras.

linguagem de programação HTML³ (HyperText Markup Language), no início da década de 1990, pelas mãos da equipe do cientista Tim Berners-Lee, em suas pesquisas nos laboratórios do CERN (Conselho Europeu para Pesquisa Nuclear) (MONTEIRO *apud* OLIVEIRA, 2007). Assim, proporcionando muito mais do que conteúdos especializados, abriu diversas possibilidades para navegação.

Desde então, as evoluções e aperfeiçoamento desta plataforma trouxeram para a sociedade uma nova realidade na forma de se comunicar. Passando pela rede ARPAnet no final da década de 1960 e chegando ao TCP/IP na década de 1980, as redes que foram criadas por pesquisadores de todo o mundo, deram origem à Internet que se tornou comum no dia a dia da sociedade contemporânea. E é nesta arquitetura que se conduz o ciberespaço, termo criado por Willian Gibson para designar o espaço não-físico onde as redes de computadores estarão interligadas com o objetivo de trocar informações das mais diversas formas (LEMOS, 1996).

Mas a evolução da internet para o modelo que utilizamos hoje passou por uma série de inovações, melhorias e surgimento de novas possibilidades e fenômenos. Para fornecer uma ordem cronológica ao aprimoramento da web, utiliza-se uma nomenclatura usual no mundo da informática, para historicizar a evolução. Assim como as versões dos softwares são batizados com os termos 1.0, 2.0 e assim sucessivamente (O'REILLY, 2005), a internet foi dividida em Web 1.0 e Web 2.0.

Para conceituar o período anterior ao designado Web 2.0, alguns autores se apropriaram do termo Web 1.0, porque a Internet em meados dos anos de 1990 foi um período de nascimento dos grandes portais e ao mesmo tempo da popularização da plataforma. No entanto, essa fase de desenvolvimento da rede mundial de computadores como conectora de informações ainda não possuía um potencial como o que vemos atualmente. A estática das páginas e das suas informações, além da dificuldade de rapidez na transmissão, mostrava as limitações da World Wide Web naquele momento. Além disso, não havia interações ou liberdade na publicação de conteúdo como a que vemos nos dias atuais. Logo, as poucas pessoas que tinham acesso se contentavam com a dificuldade e lentidão das conexões, assim como a própria limitação de conteúdo publicado (OLIVEIRA, 2007).

A Web 1.0 apontava o início das potencialidades de uma nova mídia inserida na rede. A hipermídia, segundo Ulbricht (2005), origina-se da combinação de múltiplas

³O HTML é uma linguagem utilizada para produzir páginas na Web, para que eles sejam interpretados nos navegadores da internet.

mídias e do hipertexto⁴. Hipermídia é entendida como um conjunto de meios que permite o acesso simultâneo a textos, imagens e sons de modo interativo e não-linear, possibilitando fazer links entre elementos de mídia, controlar a própria navegação e, até, extrair textos, imagens e sons cuja sequência constituirá uma versão pessoal desenvolvida pelo usuário (GROSCIOLA, 2003). A Web 2.0 é a segunda fase da internet, onde conceitos como integração, compartilhamento e engajamento estarão presentes em todos os produtos que surgem na rede mundial de computadores.

O conceito de “Web 2.0” começou com uma conferência de brainstorm entre O’Reilly e MediaLive Internacional. Dale Dougherty, pioneiro da web e VP O’Reilly, notou que, longe de ter “caído”, a web era mais importante do que nunca, com novas aplicações e sites surgindo com uma regularidade surpreendente. Além do mais, as empresas que tinham sobrevivido ao colapso pareciam ter algumas coisas em comum. Poderia ser que o colapso das pontocom tivesse marcado algum tipo de ponto de viragem para a web, de tal forma que uma chamada à ação, como “Web 2.0” pode fazer sentido? Nós concordamos, e assim a Web 2.0 Conference nasceu. (O’REILLY, 2005, p. 1)

O objetivo de conceituar a internet como Web 2.0, a partir de 2004, é explicar as possibilidades de uso da internet a partir da banda larga, a postura de colaboração dos usuários e o surgimento de ferramentas que irão permitir o comportamento mais social da Internet. O surgimento de sites como Wikipedia⁵, os blogs e as redes sociais são, ao mesmo tempo, a satisfação da necessidade e o reflexo de que essa nova fase do mundo virtual está mudando na sociedade.

Bressan (2007) mostra que o sócio de Tim O’Reilly, Dion Hinchcliffe, esquematiza a Web 2.0 a partir do elementos que, conforme o editor-chefe do “*Web 2.0 Journal*”, participam efetivamente da nova geração da Web, que são: usos espontâneos; contribuições dos usuários; escalabilidade facilitada; descentralização radical; serviço rápido personalizado; serviço massivo de micromercados; programa como um serviço; direito à modificação; participação – tudo isso através de interações que ocorrem em via dupla nas relações usuário-usuário, usuário-dados ou usuário-serviços/linguagens.

Hinchcliffe (2006), apesar de concordar com o fato de que o termo Web 2.0 tem a ver com a rede feita por pessoas, observa que outros tantos itens foram aprimorados para este novo patamar da Web. A arquitetura mais intuitiva das páginas e a rapidez de

⁴ O hipertexto é uma estrutura onde o conhecimento é colocado em ilhas de informação ou nós que são organizados em estruturas hierárquicas (títulos), claramente visíveis, conectados uns aos outros através de links.

⁵ Wikipédia é uma enciclopédia digital que é alimentada por intermídia de usuários cadastrados na plataforma http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal

seu carregamento buscando o engajamento do usuário, além das conexões cada vez mais aprimoradas (HINTCHCLIFFE, 2006), podem ser apontadas como importantes para o desenvolvimento da Web 2.0.

Voltando à pesquisa de Alex Primo (2006), o termo Web 2.0 também tem sido utilizado com objetivos mercantis, para divulgar essa plataforma como ferramenta de comunicação e que trabalha com um “conjunto de novas estratégias mercadológicas para o comércio eletrônico e a processos de interação social mediado pelo computador” (2006, p. 1). As interações são, certamente, um dos principais elementos que creditaram a internet como mídia. Ao perceber que as interações vão muito além do que a simples transmissão de informações, mas que também inclui um local de construção de relacionamentos, onde as pessoas interagem e compartilham conteúdos formando conexões, conclui-se que a internet não é apenas conexão entre terminais.

Todas essas informações convergem para a ideia de que a internet é mais social e não somente uma inovação tecnológica. A emissão e recepção de informações acontecem quase que instantaneamente e já não existe uma obrigatoriedade de restringir o papel do emissor e do receptor: quem consome os conteúdos da Web também é produtor deste conteúdo, tornando-a cada vez mais popular em relação a outros meios de comunicação. Isso é possível devido às práticas sociais e culturais estabelecidas no espaço hipermediático, denominado cibercultura, tema que estudaremos com mais profundidade no tópico a seguir.

1.2. CIBERCULTURA E SOCIEDADE PÓS-MODERNA

As características que marcaram o modernismo, ao longo do século XVIII, como a objetividade da ciência, as leis universais e a moralidade, possuem origem no pensamento iluminista. Com o passar dos anos, os grandes conflitos mundiais, como a Segunda Guerra, levaram ao pessimismo vivido pela descrença nas ideologias e utopias que não cumpriram suas promessas (GOES, 2007).

O que se vive atualmente é um momento de transição, onde as mudanças estão se processando cada vez mais veloz e intensamente, sendo denominado por várias terminologias como: “Pós-Modernidade (ANDERSON, 1999; LYON, 1988; LYOTARD, 1998; HARVEY, 1989), Era da Informação (LYON, 1992), Sociedade do

Conhecimento (LÉVY, 1994) ou então Sociedade em Rede (CASTELLS, 1999)” (CZAJKOWSKI JÚNIOR, 2006).

O que se pode aferir é, apesar de vários nomes, todos querem explicar que o contexto social que vivemos se traduz em:

Uma mudança tecnológica acelerada, envolvendo as telecomunicações e o poder da informática, alterações nas relações políticas, e o surgimento de movimentos sociais, especialmente relacionados com aspectos étnicos e raciais, ecológicos e de competição entre os sexos (LYON, 1998, p. 7).

Existe uma quebra de paradigmas na instância societária, onde o imediatismo será a principal característica que vai separar o modernismo da contemporaneidade. O pós-modernismo constitui um conceito conflituoso, que abarca o hibridismo, o mutante, o efêmero e o descontínuo, relacionado, principalmente, às transformações culturais (COELHO, 2005).

A partir da segunda metade do século XIX até os dias atuais, as transformações culturais, tecnológicas e sociais favoreceram novas formas de comunicação. Principalmente com a internet, abre-se para análise o universo de compartilhamento, publicações e informações disponíveis cada vez mais rápidas pela rede mundial de computadores, de forma não presenciada em outras épocas por outros meios de comunicação. A partir de um espaço virtual onde os fenômenos sociais e culturais estão acontecendo com mais intensidade nesta era pós-modernista, podemos avaliar o ciberespaço como um ambiente característico das peculiaridades da contemporaneidade.

O termo “Ciberespaço” é oriundo da novela escrita por William Gibson, *Neuromancer*⁶ em 1984. Este termo batiza o ambiente virtual marcado pelas interações sociais e tem o computador como principal ferramenta. Neste espaço não delimitado geograficamente, mas reunindo pessoas que interagem entre si, é o que conceitua o espaço hipermidiático a ser estudado (LÉVY, 1999). E neste universo, onde as práticas sociais são reconfiguradas, observa-se uma cultura específica que foca, especialmente, as interações e a permissividade de compartilhamento de conteúdo, dinamizando a rede (PRIMO, 2006).

Este espaço apresenta uma gama inesgotável de formatos com a capacidade de veicular informação. Assim, amplia-se a realidade virtual como mídia de comunicação,

⁶Segundo a Wikipedia, “Neuromancer” é um livro de ficção científica de Willian Gibson, bastante premiado e que traz os conceitos que utilizamos hoje para nos referir ao universo online. Mais detalhes em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Neuromancer>

aguçando “o sentimento humano de estar em todos os lugares e não estar em nenhum” (FEATHERSTONE, 2000, p. 67). O usuário da internet vai ter espaço e liberdade para se informar, consumir os produtos midiáticos disponíveis na rede e, a partir disso, também produzir, compartilhar e comentar sobre todos os assuntos, a partir de seus conhecimentos que podem ser técnicos ou de senso comum.

No entanto, tal comportamento não pode ser definido como algo novo, ou inédito. Este meio de comunicação e de interações sociais se apropriou de comportamentos midiáticos e sociais da comunidade, reinventando-os para o espaço hipermidiático. Quando André Lemos (2006, p. 38), se apropria da teoria de Canclini (GARCÍA CANCLINI 1997 *apud* LEMOS, 2006) de que toda cultura é híbrida e é construída pela recombinação de costumes e signos de outras culturas com o acréscimo de particularidades da contemporaneidade, o que autor está descrevendo é o processo de formação da cibercultura.

Quanto ao neologismo "Cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LEVY, 1999, p. 17)

Pierre Levy (1999) mostra que, dentro do ciberespaço, a técnica trabalhada para o desenvolvimento dos produtos, ou o processo das relações sociais que ocorrem no espaço hipermidiático, encontram suas peculiaridades, favorecendo uma série de fenômenos muito específicos deste hibridismo característico do pós-modernismo.

O hibridismo presente no ciberespaço também está presente na pesquisa de Lucia Santaella (2003), ao corroborar com a ideia de André Lemos (2006), quando o autor se apropria do conceito de culturas híbridas de Nestor García Canclini (*apud* LEMOS, 2006) para evidenciar uma cultura intermediária entre os dois extremos que regem o contexto cultural da nossa sociedade entre a década de 1960 com a teoria da Cultura de Massa, e a mais atual, com a Cibercultura.

Além de concordar com o pensamento de André Lemos (2006) em relação ao hibridismo que cerca a Cultura Virtual, a pesquisadora elabora uma ordem cronológica para a compreensão do processo de construção do que se entende por Cultura Virtual, que está sendo vivida pela sociedade contemporânea, enfatizando que as “eras culturais” que pontua em seu trabalho estão levando em consideração os meios de comunicação como canais de transmissão, e não interferem no processo cultural, como o é para Levy (1999).

Santaella (2003) divide a cultura em seis formações que irão de acordo com a evolução da própria sociedade: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura das massas, a cultura das mídias e a cultura digital (SANTAELLA, 2003). Para a autora, entre a Teoria da Cultura de Massa e a Cibercultura, existiu um hiato que a autora se refere como uma cultura intermediária denominada Cultura das Mídias, mostrando que entre o desgaste de uma e o início de outra, foi necessário um período de apropriação e adequação de elementos da cultura de massa, para que a Cultura Virtual tenha o adicional de suas características próprias.

A cultura virtual não brotou diretamente da cultura das massas, mas foi sendo semeada por processos de produção, distribuição, e consumo comunicacionais a que chamo de “cultura das mídias”. Esses processos são distintos da lógica massiva e vieram fertilizando gradativamente o terreno sociocultural para o surgimento da cultura virtual ora em curso. (SANTAELLA, 2003, p. 24)

Dessa forma, é perceptível que a cibercultura caminha ao lado das transformações vivenciadas pela humanidade ao longo da história. A partir dos comportamentos e dinâmicas culturais da cultura hipermidiática, André Lemos (2006) aponta as principais características que irão constituir o indivíduo da sociedade pós-moderna. O autor negará os discursos que afirmam que a cibercultura provocou o desaparecimento das outras dinâmicas culturais.

André Lemos (2003) mostra o diálogo existente entre a cultura digital e a cultura de massa. Para isso, ele aponta que a cultura de massa permitiu o uso de dispositivos eletrônicos para difundir conteúdos para o maior número de pessoas possível, enquanto a cibercultura, que vai muito além do aparato tecnológico oferecido pela Internet, oferece um caráter interacional à comunicação do que o instrumental desenvolvido em outras épocas, podendo até misturar comunicação e informação sem diferenciações entre as duas (MAFFESOLI, 2003). Com isso, é possível aferir que, apesar de todo o aprimoramento da tecnologia, a cultura digital possui um perfil mais social, que favorece a comunicação em detrimento da informação.

A comunicação e a informação são nova substância nessa função comunitária, contra ou em paralelo ao que dizem os teóricos da comunicação mais convencionais, ou seja, os que denunciam constantemente o caráter anti-social da mídia (MAFFESOLI, 2003, p. 17).

A globalização também possui uma forte ligação com a cibercultura, a partir de sua principal característica, que é o fim das fronteiras políticas, econômicas e culturais. A internet tem um importante papel no fortalecimento do multiculturalismo, onde a influência de uma cultura na outra forma uma miscelânea que terá como consequência a definição dos traços culturais que as novas mídias apresentarão como intrínsecos ao seu DNA.

Na esfera cultural, as fronteiras também têm sido apagadas pelo que se chama de multiculturalismo. Hoje, através da internet, é possível ouvir uma rádio russa, ler um jornal da Coreia e visitar um site da Finlândia. Fazemos isso diariamente com muita facilidade. Podemos estar conversando com alguém do Sri Lanka pelo *messenger*, sem nos darmos conta de que estamos vivendo um processo de desterritorialização generalizado. Participamos de diversos acontecimentos, temos acesso a diversas culturas e a diversas informações que não necessariamente fazem parte do nosso território (LEMOS, 2003, p. 42).

Denominado desterritorialização por André Lemos (2003), ou desencaixe por Anthony Giddens (GIDDENS *apud* LEMOS, 2003, p. 42), os termos convergem para explicar que, a partir de um único terminal (computador, *smartphone*, etc.), é possível manter contato com informações, pessoas e plataformas, em múltiplas formas, comprovando que a dinâmica social globalizante atinge todas as áreas que sustentam a sociedade e o processo histórico que se está inserido.

Ao mesmo tempo em que a desterritorialização quebra as fronteiras de comunicação, cultura e outros, para que se tenha acesso a ela, é preciso criar o seu espaço de territorialização. É a partir das suas delimitações, que são a criação dos perfis pessoais nas comunidades virtuais, ou seleção de conteúdos que se interessa em ler, ver ou ouvir, que será desencadeado um processo muito específico do ciberespaço: a escolha pelo indivíduo do que irá servir para ele como conteúdo hipermediático para o que ele deseja. Ao acessar suas informações pessoais através de um cadastro, são permitidos momentos de fuga, onde serão investigadas novas páginas, músicas, vídeos, e conteúdos que estarão na rede sem fronteiras para serem explorados e, dessa forma, apropriar-se para construir seu terreno em meio ao universo infinito do ciberespaço.

Assim, por exemplo, os meus sites, blogs, podcasts etc., minha comunidade, minha rede de relacionamento, são formas de territorialização no ciberespaço global. Crio minhas zonas de controle informacional em meio ao fluxo planetário de possibilidades desterritorializantes. Um processo não existe sem o outro. As tecnologias informacionais como o telefone celular, palms ou laptops são dispositivos pelos quais exercemos o controle informacional. Esse lugar de controle constitui o meu território informacional digital,

formado pelo espaço telemático, por senhas de acesso e lugares físicos de conexão. No entanto, embora territorializado possa realizar efetivamente movimentos de fuga, de desterritorialização (LEMOS, 2003, p. 42).

A partir de todas as características apresentadas, André Lemos (2003) define os pilares formadores da cibercultura, mostrando que, apesar de serem elementos constituintes, são resgates de referência de culturas anteriores, como a cultura das massas. Dessa forma, a liberação do polo de emissão, a conexão e a reconfiguração irão fornecer os princípios que fazem da cibercultura um campo de ressignificações para a comunidade.

A liberação do pólo de emissão será o principal diferencial da cibercultura. Lemos (2003) explica que os indivíduos com a liberdade de consumir e produzir os produtos hipermediáticos são chamados de “*prosumers*”, um neologismo formado a partir dos termos “*producers*” e “*consumers*”⁷, que define o usuário que, ao mesmo tempo, será o consumidor do conteúdo e também o produtor do mesmo, e que irá representar a possibilidade de se expressar sem seguir padrões, compartilhar e discutir os conteúdos nas mais diversas ferramentas que o ambiente virtual oferece, transformando o comportamento dos indivíduos.

O que vemos hoje são inúmeros fenômenos sociais em que o antigo “receptor” passa a produzir e emitir sua própria informação, de forma livre, multimodal (vários formatos midiáticos) e planetária, cujo sintoma é às vezes confundido com “excesso” de informação. As práticas sociocomunicacionais da internet estão aí para mostrar que as pessoas estão produzindo vídeos, fotos, música, escrevendo em blogs, criando fóruns e comunidades, desenvolvendo softwares e ferramentas da Web 2.0, trocando música etc (LEMOS, 2003, p. 39).

A conexão alimenta o caráter social da cibercultura, pois "a internet desde os seus primórdios configura-se como lugar de conexão e compartilhamento" (LEMOS, 2003, p. 40). Enquanto a produção vai se relacionar com a liberação de emissão, o consumo acontecerá a partir de conexões que se relacionam com a capacidade de circular o conteúdo com qualidade nas redes de troca de arquivos, como blogs, softwares sociais, ou sites de redes sociais. Raquel Recuero (2009), ao estudar os sites de redes sociais, identificou que as conexões permitem o surgimento de uma função comunitária na formação de vínculos sociais, que são características da Cibercultura.

⁷ Uma definição mais detalhada deste termo será apresentada no tópico seguinte deste capítulo.

As interações surgidas a partir das conexões que ocorrem nos sites de redes sociais permitirão uma produção de conteúdos produzidos por vários usuários. Isso leva a um processo colaborativo que realiza uma simbiose entre a mídia tradicional e as novas mídias, onde os conteúdos se transferem para os usuários não apenas como notícias, mas como objetos que são interpretados de forma livre pelos próprios usuários, evitando a monopolização da informação. Isso se encaixa no conceito de inteligência coletiva, desenvolvido por Pierre Levy (1998), ao afirmar que as inteligências individuais, somadas e compartilhadas pela sociedade, potencializam-se em um contexto na internet, permitindo que a imaginação e percepção compartilhados resultem em aprendizagem e troca de conhecimentos que ocorrem coletivamente. “O ciberespaço como suporte da inteligência coletiva é uma das principais condições de seu próprio desenvolvimento” (LÉVY, 1998, p.29)

Dessa forma, compreende-se que existe uma forte ligação entre o conteúdo produzido e compartilhado na internet e as mídias ditas tradicionais, como a TV, o rádio e a mídia impressa. André Lemos (2003) cita as semelhanças entre blogs e jornais, podcasts e programas de rádio, a TV e a Internet para concluir que a indústria massiva não acabou, apenas a cultura digital pós-massiva chega com uma nova proposta, com apropriações das ferramentas aprimoradas para a cibercultura.

...o que existe na cibercultura é uma reconfiguração infocomunicacional e não o fim da cultura de massa. Sua transformação acolhe processos bidirecionais, abertos, nos quais prevalece a liberação da emissão sob diversos formatos e modulações, e uma conexão generalizada e planetária por redes telemáticas (LEMOS, 2003, p. 41).

A cibercultura nos ensina sobre as infinitas possibilidades de usos do ciberespaço como espaço de interações, produção de conteúdos, criação de vínculos e engajamento, na soma de inteligências, conhecimentos, culturas e valores que se converterão em um novo perfil de sociedade. Perfil esse que não fica restrito às redes de pessoas estabelecidas pela web, mas, vai se estender pelas relações pessoais no mundo real. Não há substituição do mundo *offline* pelo *online*, mas, sim, um fluxo de relações e processos que, diferente das outras formações culturais, terá o indivíduo como ator e produtor.

A comunicação é o fator primordial para estabelecer as interações sociais mediadas por computador através de ferramentas como os sites de redes sociais. O engajamento e a participação do indivíduo nas mais diversas questões é o que faz a

cibercultura ser uma estrutura dinâmica e democrática, ainda com os problemas que tamanha liberdade venha trazer. Dessa forma, precisamos compreender como funcionam os processos de engajamento que levam ao prossumerismo no ciberespaço.

1.3. O PROSSUMERISMO NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET

Por muito tempo, a Comunicação se restringiu à ideia de que a emissão da mensagem era absorvida pelo receptor, sem a necessidade real de uma resposta ao estímulo enviado, ou então, a reação do receptor serviria apenas para uma adequação da mensagem, mas nunca levada a um processo interativo.

Com o desenvolvimento da cibercultura, a interação tende a ser a força motriz do universo hipermediático. Para Alex Primo (2008, p. 2), a “interação entre os participantes do encontro” será o foco dos estudos interacionais nas relações entre os atores do processo comunicacional na Internet. A partir dos significados da palavra “interatividade”, que se trata de um neologismo surgido no continente europeu, as palavras reciprocidade e interdependência irão explicar o conceito de interação, que direcionará os estudos sobre como as relações interativas estão presentes na dinâmica social da Cibercultura.

Primo (2008) vai mostrar que a Comunicação está inclusa em outro paradigma, onde quem recebe a mensagem não é mais um mero receptor, podendo inclusive ter outra denominação, já que “receptor” não explica o verdadeiro papel do indivíduo no novo contexto social da cibercultura.

[...] já não se pode pensar a comunicação como o fluxo derradeiro de uma mensagem persuasiva que desce ladeira abaixo em direção a receptores indefesos. Não apenas a estrutura tecnológica transformou-se, mas também a sociedades, as culturas, os mercados, as relações afetivas e políticas. Essa multiplicidade de elementos em transformação e inter-relação impõe desafios à investigação da comunicação. (PRIMO, 2008, p. 13)

O processo histórico e sociológico da comunicação levou à definição de várias hipóteses sobre o processo comunicacional ao longo dos anos, passando pela agulha hipodérmica, até os dias atuais: tecnologias, processos e indivíduos se transformaram, e essa soma convergiu em novos comportamentos dos usuários.

A ligação entre sociologia e comunicação, no que se diz respeito aos estudos de interação, é descrita por Alex Primo (2008) como cercada de heranças dos principais

teóricos sociais como Weber (relação social), Simmel (ação mútua entre indivíduos), Bateson (padrões que conectam) e Goffman (reciprocidade sobre as ações um dos outros). Portanto, observa-se que os estudos sobre interação não são recentes, porém, ganham ainda mais importância com a nova dinâmica social da cultura massiva.

A interação é a forma como o indivíduo transmite seus pensamentos, sentimentos e ideologias, tendo toda a responsabilidade pelo processo de comunicação, onde seu envolvimento “transmitirá a sua própria substância” (SIMMEL apud SANTOS, 2005, p. 41), buscando acrescentar algo ao outro indivíduo. Tal comunicação poderá ser capaz de influenciar outros indivíduos, havendo reciprocidade (SANTOS, 2005).

Hermílio Santos (2005) utiliza os conceitos de diversos autores para explicar como ocorre o processo interacional entre os indivíduos, em que as interações se desenrolam através da “troca recíproca de papéis” em um processo simbólico para assumir os valores um do outro, onde cada um possui sua forma de interpretar as “coisas”.

Nesse processo interpretativo, os sentidos das “coisas” com as quais interage são manipulados e modificados por um processo interpretativo adotado pela pessoa em relação com os elementos com os quais a pessoa entra em contato (SANTOS, 2005, p. 42).

A internet é uma ferramenta importante para os processos de interações sociais, mesmo não sendo o elemento desencadeante. É a partir da ideia de fortalecimento das interações sociais mediadas por computador que conceitos como engajamento aparecem de forma a aferir que o homem, por estar conectado, ao mesmo tempo está mais social.

O engajamento pode ser definido, primeiramente, pelo seu significado. O adjetivo engajado, ou *engagé*, ganha sentido de comprometido com algo, a serviço de uma causa ou simplesmente empenhado, assim como o substantivo "engajamento", seja a participação ativa em assuntos e circunstâncias de relevo político e social (HOUAISS, VILLAR, 2001, p. 1147).

A principal diferença entre a participação e o engajamento é que a primeira, muitas vezes, julga-se superficial, mas é preciso se sentir plenamente responsável pela causa, marca ou objetivo, que é propósito do engajamento. O posicionamento do indivíduo em relação à ideia ou causa vai provocar modos de ver e fazer as coisas com o auxílio da ética, influenciando os outros a partir das suas interações e do seu exemplo.

Sartre (1978) se apropria da Teoria Existencialista para defender a liberdade que o indivíduo possui para realizar suas escolhas, porém, a responsabilidade que o indivíduo toma para si não será diretamente apenas para si, mas terá consequências na vida dos outros, da humanidade em geral. O homem como ser incompleto irá buscar nas relações humanas a direção e o significado da sua existência. Dessa forma, estar engajado em uma causa e poder com ela contribuir com a humanidade completará sua adesão ao mundo em que vive.

O homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade (SARTRE, 1978, p.7).

O conceito de engajamento conceituado na Sociologia encontra aporte na cibercultura. Os princípios da cultura digital (produção, conexão e reconfiguração) terão nas interações a constituição de sua existência onde o engajamento será o resultado. As ferramentas da Web 2.0 serão essenciais para concretizar a sinergia entre as teorias estudadas até aqui e, dentre todas as plataformas sugeridas para a inserção da cultura hipermediática, os sites de redes sociais da internet serão primordiais para observar as dinâmicas sociais da internet.

Redes Sociais não são fenômenos exclusivos do ciberespaço. Ao estudarmos as conexões desenvolvidas pelas pessoas que se conectam por objetivos comuns, pode-se dizer que desse processo se formará uma rede social, segundo Raquel Recuero (2009). A internet amplia o conceito de rede social na sociedade, pois as conexões realizadas através dos sites de redes sociais deixam mais didática a explicação sobre a dinâmica das redes de contato. Recuero (2009), ao estudar as redes sociais da Internet, mostra a amplitude e a complexidade que tais redes possuem. Primeiramente, ela estabelece uma relação entre matemática, tecnologia das redes e sociologia para explicar os elementos relevantes que as redes sociais fornecem. Posteriormente, ela apontará as conexões com a comunicação a partir dos conceitos de diversos autores. Logo, conceitos de estudiosos, entre outros serão a base para o desenvolvimento da linha de raciocínio da pesquisadora.

Para que se estabeleça uma rede social, independente se ela será na vida real ou virtual, ela vai depender de alguns elementos que participarão diretamente da dinâmica de interação e comunicação. De acordo com Raquel Recuero (2009):

Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994; Degenne e Forse, 1999). Uma rede assim é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais nem suas conexões (RECUERO, 2009, p. 24).

Dessa forma, podemos aferir que nos sites de redes sociais será possível a presença de diversos atores que terão conexões uns com os outros a partir da Comunicação Mediada por Computador (CMC), estabelecendo relações que podem se estender ou não para o mundo real. No ambiente virtual, os atores não podem ser considerados diretamente indivíduos, mas sim “construções identitárias no ciberespaço” (RECUERO, 2009, p. 25), com descrição de traços psicológicos e sociais que só poderão ser confirmados com uma presença física.

O indivíduo, ao possuir sua página de perfil, tem seu espaço individualizado e espera ter o reconhecimento de outro, além de se sentir satisfeito ao participar de um grupo ou comunidade. O sentimento de pertença e responsabilidade é exacerbado, assim como os vínculos sociais complexos que surgem a partir daí. Em meio a desterritorialização que os sites de redes sociais conferem ao ciberespaço, o perfil de um usuário é a sua área territorializada, onde a partir de sua senha, ocorre a definição de suas escolhas com relação a que grupos deseja participar, suas informações, preferências e desgostos, e até mesmo acessar conteúdos que não se relacionam com o seu perfil social. É possível adicionar outros perfis, e, nesse caso, vemos que as conexões que se estabelecem não são apenas de pessoas que se conhecem, mas também a adição de outras construções identitárias, que podem nunca se conhecer pessoalmente. Porém, isso não impede que as interações sociais mediadas aconteçam.

Toda a noção de território tem relação com a noção de acesso e controle no interior de fronteiras. Essas palavras, acesso e controle, são extremamente importantes para a compreensão da sociedade tecnológica contemporânea. O acesso ao universo informacional se dá através de senhas. E existe hoje, efetivamente, na rede, um maior controle sobre o que emitimos e recebemos, diferentemente da prática de consumo de informação na cultura massiva (LEMOS, 2003, p. 43).

Já as conexões, outro elemento compositor das redes sociais de acordo com Recuero (2009), contemplarão as relações que se estabelecerão nestas redes sociais: os laços sociais e as interações.

A interação é a palavra que vai resumir a dinâmica nestas conexões entre usuários ou perfis. A “ação entre os participantes do encontro”, como define Alex Primo (1998) em seu conceito sobre o interagir, é o retrato de como se delimita a existência das conexões. Uma relação de mutualidade, para ser perfeita, deve se constituir das influências do universo que cerca os interagentes, portanto, não dependendo exclusivamente do ator social (RECUERO, 2009). A relação entre interação e comunicação é bastante próxima e, no ciberespaço, a compreensão do desenrolar dos vínculos sociais construídos ali, parte essencialmente em estudar estes dois fenômenos.

O ciberespaço e as ferramentas de comunicação possuem particularidades a respeito dos processos de interação. Há uma série de fatores diferenciados. O primeiro deles é que os atores não se dão imediatamente a conhecer. Não há pistas da linguagem não verbal e da interpretação do contexto da interação. É tudo construído pela mediação do computador. O segundo fator relevante é a influência das possibilidades de comunicação das ferramentas utilizadas pelos atores. Há multiplicidade de ferramentas que suportam essa interação e o fato de permitirem que a interação permaneça mesmo depois de o ator estar desconectado do ciberespaço. (RECUERO, 2009, p. 32)

Nas redes sociais, as interações permitirão a formação dos laços sociais, que são as ligações emocionais ocorridas entre os indivíduos que se conectam. Eles ocorrem independente das interações, pois se caracterizam pelo compartilhar do sentimento de pertença a um mesmo objetivo, como preferências por determinado lugar, instituição, marca ou ideias.

Os laços sociais que são construídos, sendo associativos (partir da adição de um usuário ao círculo de amigos da rede) ou dialógicos (a partir de discussões que podem acontecer independente dos pares da conversa serem amigos na rede), conferem uma produtividade a partir das discussões e interações realizadas nas redes sociais. Em meio a uma vastidão de pontos de vistas, críticas, elogios, e diálogos, todos eles oferecerão um resultado que poderá ser destinado para algum fim, o que pode ser chamado de capital social. O produto que é gerado nas redes sociais de alguma forma será útil para o alcance de um objetivo comum, algo que não só o ator, como toda a comunidade, usufrua dos benefícios gerados a partir desta interação.

Segundo Recuero (2009) o capital social será um elemento representado pelos conteúdos, interações e valores nas redes sociais, tornando-se um qualificador de ações.

[...] consideraremos o capital social como um conjunto de recursos de um determinado grupo (recursos variados e dependentes de sua função, como afirma Coleman) que pode ser usufruído por todos os membros do grupo,

ainda que individualmente, e que está baseado na reciprocidade (de acordo com Putman). Ele está embutido nas relações sociais (como explica Bourdieu) e é determinado pelo conteúdo delas (Gyarmati & Kyte, 2004; Bertolini & Bravo, 2001). Portanto, para que se estude o capital social dessas redes, é preciso estudar não apenas as suas relações, mas, igualmente, o conteúdo das mensagens que são trocadas através delas (RECUERO, 2009, p. 49).

Ao afirmar que os conteúdos podem ser um capital social, Recuero (2009) abre espaço para compreender que, dentro das redes sociais da internet, as interações que ocorrem por meio das relações sociais se dão por intermédio dos sentimentos em comum entre os indivíduos que, se relacionando, desenvolvem uma “comunidade” de pessoas que possuem objetivos, ideias e desejos em comum.

[...] conjunto de atores e suas relações que, através da interação social em um determinado espaço constitui laços e capital social em uma estrutura de cluster, através do tempo, associado a um tipo de pertencimento. Assim, a diferença entre a comunidade e o restante da rede social não está nos atores, que são sempre os mesmos, mas sim nos elementos de conexão, nas propriedades das redes (RECUERO, 2009, p. 144-145)

Os laços e o capital social descritos por Recuero (2009) como elementares no conceito de redes sociais da internet permite uma conexão ao pensamento de December (*apud* Primo, 1998). Para o pesquisador, o conceito de McLuhan (*apud* Primo, 1998) sobre Aldeia Global, encontra nas comunidades virtuais sua explicação. Todos os outros meios de comunicação que surgiram antes do computador ofereceram interações não tão completas, sejam pelas suas características, sejam por outras limitações. Assim, o pesquisador conclui que “a CMC permite a realização do conceito de McLuhan, pois transcende limitações de tempo e espaço” (*apud* Primo, 1997, p. 18).

Com a revolução midiática ocorrida a partir das redes sociais, o cenário da comunicação mudou totalmente. E as mudanças não se restringem ao consumo da mídia, mas aos comportamentos e usos dela pelos indivíduos. Segundo Izabela Domingues (2010, p. 63), “a mudança se constitui a partir de um modelo de disposição de informações capaz de oferecer os conteúdos de maneira que possam ser alterados e reorganizados pelo usuário constantemente”.

A globalização e a expansão tecnológica discutidas no início deste capítulo tiveram como consequência uma estrutura social norteadas pela multiculturalidade entre as pessoas, através das interações, das colaborações e da troca de saberes no universo virtual. Esse processo, conceituado por Levy (1999 *apud* DOMINGUES, 2013) como

"comunicação todos-todos", e por Couchot (2006 *apud* DOMINGUES, 2013) como "ligação de todos para todos" a descreve como um tipo de ligação sem precedentes entre os usuários.

A sociedade contemporânea vive no contexto em que os indivíduos são criados com base na mídia social e sempre conectados à internet, concentrando-se em vários projetos simultaneamente, colaborando de forma espontânea com pessoas que nunca viram na vida. Mas, nesse contexto, a criação de conteúdos midiáticos pode ser considerada o legado mais importante desta geração, em relação às anteriores. “É uma comunidade *crowdsourcing*⁸, uma população perfeitamente adaptada a um futuro em que as comunidades online irão suplantam a corporação convencional” (HOWE, 2009 *apud* TEIXEIRA, 2013, p. 3).

Assim, é possível observar o protagonismo dos *prosumers*, ao identificarmos que a mídia, agora, não é apenas consumida, é usada, modificada, adaptada, de forma que o uso tradicional dos meios de comunicação não tem tanta sustentação (SHIRKY, 2011).

[...] quando alguém compra um computador ou um telefone celular, tanto o número de consumidores quanto o de produtores aumentam em um. O talento continua distribuído de forma desigual, mas a capacidade bruta de criar e compartilhar é agora largamente distribuída e cresce a cada ano (SHIRKY, 2011, p. 53).

Dessa forma, para Clay Shirky (2011), com a infraestrutura oferecida a todos os indivíduos, o público e o privado se tornaram uma via de mão dupla e a produção de conteúdo, antes restrita a um seleto grupo, agora é acessível a todos que tenham acesso à rede. Ainda segundo o autor, o comportamento mais social dos indivíduos é decorrente ao que ele chama de “economia pós-Gutenberg”, pela suas características de baixo custo, conexões e conversações livres. Se antes os críticos, os jornalistas e os repórteres veiculavam o conteúdo e as pessoas discutiam sobre ele nos espaços coloquiais como intervalos do trabalho ou na mesa da sala de jantar, hoje, os conteúdos saem destes locais, expandem-se nas mídias de massa, em um ciclo diferente do que era apresentado anos atrás.

⁸ O crowdsourcing é um modelo de produção que utiliza a inteligência e os conhecimentos coletivos e voluntários, geralmente espalhados pela Internet, para resolver problemas, criar conteúdo e soluções ou desenvolver novas tecnologias, assim como também para gerar fluxo de informação (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Crowdsourcing>).

Hoje, os indivíduos conseguem enxergar o seu poder comunicacional na internet, identificando que tais ferramentas sintetizam o significado da liberdade de expressão, segundo Izabela Domingues (2011). A pesquisadora utiliza o termo *netizens*, de Pierre Mounier, para descrever indivíduos que utilizam a internet como espaço de debates de assuntos que não possuem destaque na mídia de massa, seja pela manipulação de informações, seja porque não se oferece o aprofundamento das questões. Dessa forma, é possível ver movimentos como o “Mídia Ninja”⁹, que utiliza os recursos da internet para realizar transmissões em tempo real de acontecimentos que a imprensa tradicional apresenta de modo superficial.

Os participantes de movimentos como esse nem sempre são compostos por jornalistas ou profissionais habilitados nos temas que são discutidos. Normalmente são pessoas comuns que, de alguma forma se sentem inseridas no universo da temática ou que possuem um senso de colaboração e participação, mostrando um comportamento de generosidade, onde o uso do seu tempo livre está sendo rateado em uma colaboração social ou pública, com o objetivo de buscar, a partir de suas atitudes, uma transformação (SHIRKY, 2011). “Entre todas as coisas para fazer online, o que motivaria alguém a despender essa quantidade do seu próprio tempo e dinheiro por algo que não produz qualquer recompensa tangível?” (*idem*, 2011, p. 66).

Para responder sobre as motivações que levam indivíduos ao engajamento voluntário, Clay Shirky (2011) se apropria dos experimentos do psicólogo Edward Deci ao identificar que existem dois tipos de motivações: a motivação intrínseca, onde a própria atividade é a recompensa, e a motivação extrínseca, a recompensa é externa à atividade. Para muitos dos produtores voluntários, o fato de estar em uma atividade que pode gerar transformações culturais, políticas ou sociais, podem se considerar uma recompensa legítima.

O amadorismo deixa de ser algo ruim para se tornar uma justificativa para uma geração de conteúdo menos técnica e mais informativa, pois a motivação do que produz é o sentimento de compartilhar informações e levar o debate a todas as pessoas.

Agora que temos ferramentas que permitem que grupos de pessoas se encontrem e compartilhem pensamentos e ações, vemos um estranho e novo híbrido: grupos de amadores grandes e públicos. Os indivíduos podem, com mais facilidade, tornar públicos os seus interesses, e os grupos podem

⁹Sigla de “Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação”, criado em 2011, que se declara uma alternativa à imprensa tradicional. http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADdia_Ninja

equilibrar, também com mais facilidade, motivação amadora e grandes ações coordenadas (SHIRKY, 2011, p. 79).

O que é perceptível, com a multipolaridade e força interativa do universo virtual, é um fim de limites entre a mídia e a sociedade. Não é possível mais enfatizar a hegemonia dos meios de comunicação, quando os indivíduos deixaram de ser espectadores passivos e adquirem uma posição de influência e multiplicação de discursos. O *prosumer* ou prossumidor, “é o sujeito que emerge de uma nova condição social, não mais passiva e receptora, mas ativa e produtora de ideias, opiniões e discursos” (DOMINGUES, 2013, p. 82).

O acesso à informação de forma mais ampla com as novas mídias transformam os indivíduos em consumidores mais críticos e céticos, onde até mesmo a Publicidade é colocada em xeque, estimulando um grande esforço das marcas de reinventarem sua comunicação para que ela seja mais interativa e focada em entretenimento, fugindo do conceito publicitário tradicional. Assim, abre-se um espaço para que as críticas e opiniões dos usuários sejam expressas com amplitude, fortalecendo o caráter democrático da internet, ao permitir que todos sejam consumidores e produtores no universo virtual.

O prossumerismo possui características diversas, que podem se relacionar às reclamações, paródias e críticas à marcas, governos, instituições, religiões etc. Esses conteúdos, ao se alinharem com as ideias de outros indivíduos, formam uma rede de compartilhamentos que alcançam o poder que antes era restrito apenas ao jornal/revista, TV e rádio. E é a partir dos *prosumers* que o realismo e a liberdade de expressão permitirão com que o ativismo em prol de melhorias sociais, políticas e até mesmo de desenvolvimento de produtos, marcas e serviços aconteçam pelas ideias de pessoas comuns, que encontram na internet um espaço para mostrar o seu poder enquanto consumidor/cidadão (DOMINGUES, 2013).

Os discursos promovidos nas redes sociais da internet terão papel preponderante para o engajamento dos indivíduos por uma causa e, sendo assim, é importante para este estudo analisar os discursos enquanto insumo do prossumerismo na internet, como veremos no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 2

OS DISCURSOS CIBERATIVISTAS DOS DIÁRIOS VIRTUAIS

2.1. COMUNICAÇÃO E INTERAÇÕES A PARTIR DA LINGUAGEM

A linguagem verbal é uma habilidade inata no ser humano. Todos os indivíduos, independente da comunidade a que pertencem, falam. O uso da linguagem, portanto, terá um caráter cultural, no que diz respeito a geração de significados que construirão o objetivo da comunicação (HALL, 1997).

Não há como separar a linguagem da cultura. Ela é considerada uma prática social estruturada pela produção e intercâmbio de significados, que serão a base para a representação da sociedade e da história. Dessa forma, tal elemento poderá distinguir os diferentes grupos sociais.

Na linguagem, seja ela visual, oral ou escrita, seu desenvolvimento consistirá nos significados para ser compreendida. Para o professor e pesquisador Stuart Hall (1997), a linguagem nos discursos incide nos comportamentos, condutas e formação das identidades e na interpretação dos conteúdos. Assim, é possível entender o uso socialmente cultural da linguagem, que passa pelo conhecimento e o respeito às convenções sociais estruturadas por determinada comunidade de fala. Neste sentido, apreciam-se diferenças culturais nos processos comunicativos e na forma de interagir entre comunidades linguísticas, resultantes da aprendizagem social, da vivência da cultura e linguagem compartilhadas.

Para a compreensão da linguagem enquanto prática cultural e como reflexo das sociedades ao longo da história, foram desenvolvidos pressupostos da Análise do Discurso, que reuniu estudiosos como Pêcheux (1997), que conceituou os discursos como um espaço de reunião entre a língua e a história e, dessa forma, pode ser analisada segundo o contexto da própria história, das ideologias e das relações sociais.

Isso quer dizer que o discurso é algo que ultrapassa as estruturas linguísticas e os idiomas. Seu papel social irá atuar nas características dos grupos sociais a que se pertence, e terá relação intrínseca com o contexto histórico das sociedades. Ou seja, a

análise do contexto e peculiaridades das comunidades serão os elementos que ajudarão a identificar os tipos de discurso.

Sobre o contexto, Maingueneau (2008) nos diz que um discurso não existe descontextualizado, pois não é possível atribuir um sentido ao discurso sem que haja contexto. O próprio discurso colabora com a definição do seu contexto, que pode ser modificado ao longo da enunciação. O enunciado é uma forma de ação no sentido de que constitui um ato de fala que visa agir de forma a modificar uma situação. Um ato de fala, por sua vez, faz parte de certo discurso pertencente a um gênero determinado com objetivo a mudança situacional do destinatário. Melhor dizendo, a atividade verbal relaciona-se com a atividade não verbal. Dessa forma, os discursos terão relação intrínseca ao momento dos acontecimentos, gerando identificação com o receptor, que perceberá o sentido do discurso a partir da realidade em que se vive.

No entanto, estes discursos não surgem aleatoriamente, nem de forma desorganizada. Michael Foucault (2009), em *A arqueologia do saber*, conceituou os mecanismos que irão regular os discursos. A formação discursiva é um conjunto de referências unificadas em torno de um mesmo objeto e estilo que sustenta um padrão relacionado ao tema que constitui os enunciados:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* [...]. (FOUCAULT, 2009, p. 133)

A formação discursiva é o resultado da produção dos discursos desenvolvidos pelas práticas discursivas, que são conceituadas como:

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercícios da função enunciativa. (FOUCAULT, 2009, p. 136)

Para que os enunciados tenham relação com estruturas, práticas e relações sociais, eles precisam ser regulados por mecanismos que possam classificá-los nas áreas onde a regularidade discursiva aconteça nos campos sociais. Dessa forma, a formação discursiva e as práticas discursivas explicarão essas regularidades.

Além da regularidade discursiva e a formação discursiva que categoriza o

discurso, a existência de um sujeito será outra importante característica. Ele irá expor no discurso o seu papel de fonte de referências espaciais, temporais e pessoais. A partir do sujeito será revelada qual atitude está sendo tomada em relação ao enunciado e ao seu co-enunciador. Para Mikhail Bakhtin (2002, p. 15), “a entonação expressiva, a modalidade apreciativa sem a qual não haveria enunciação, o conteúdo ideológico, o relacionamento com uma situação social determinada, afetam a significação”. Nessa direção, é pertinente pensar que a fala adquire valor a partir do sujeito que a produz, com quais intenções de sentido, com quem ele dialoga e qual o meio que utiliza para se manifestar.

Os discursos são compostos por enunciados que não são apenas palavras ou proposições, mas produzem um conteúdo constituído pelas questões ideológicas, as relações sociais e a própria comunicação verbal do campo social. O enunciado não será completamente puro, mas atravessado pelas influências das leituras, vivências e culturas de quem emite a mensagem (FOUCAULT, 2009).

A falta da “pureza” dos discursos, devido às influências sofridas por outros discursos, é conhecida como dialogismo. Segundo Mikhail Bakhtin (*apud* FIORIN, 2008), o dialogismo será as interações complexas, que se isolam, fundem-se ou que sofrem confluência com terceiros. “O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados” (FIORIN, 2008, p. 19). Torna-se um círculo vicioso em que os entrelaçamentos entre palavras formarão um diálogo com outras palavras a partir do discurso alheio. O dialogismo leva a compreensão de que os enunciados são heterogêneos e, como tais, determinam posições opostas dentro da construção dos discursos. José Luiz Fiorin, ao analisar o pensamento de Bakhtin, explica que o conceito de dialogismo não designará apenas consenso, mas afirma que “as relações dialógicas tanto podem ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou de recusa, de acordo ou desacordo [...]” (FIORIN, 2008, p. 24).

Para Bakhtin (2002), ao construir um discurso, o indivíduo se apropria do discurso do outro, onde todos os enunciados fazem parte do processo de comunicação. As unidades da língua como sons, palavras e orações, ao formarem enunciados, são unidades de comunicação e permitem um diálogo. Dessa forma, as palavras só transmitem emoções, juízos de valor ou paixões quando formam os enunciados. Mas, para que o sentido de um enunciado seja compreendido no discurso, é preciso que as relações dialógicas se estabeleçam formando interações entre os interlocutores do discurso.

A interatividade é a marca principal dos parceiros da comunicação (emissor e receptor). Na conversação, o emissor anuncia algo ao receptor considerando tempo, espaço, atitude e efeitos que os enunciados causarão ao parceiro de comunicação. Mesmo as práticas enunciativas que não contam com a presença de um destinatário são marcadas pela interatividade, por uma troca, mesmo que seja implícita, com receptores até mesmo virtuais, e sempre pressupõem a existência de uma segunda instância para a qual o locutor se dirige e segundo a qual procura construir seu discurso. Lembrando que os parceiros da prática verbal são chamados mais adequadamente de coenunciadores.

As redes sociais digitais, que para este caso específico destacaremos o Facebook¹⁰, necessitam da dinâmica emocional dos participantes da comunicação de forma que se sintam livres para expressar os sentimentos e ideias individuais ou coletivos. Nesta prática se percebe o dialógico no discurso dos agentes interacionais constituindo a alteridade discursiva ajustada à rede. Assim, emissor e receptor interagem, interatuam em escritas que promovem pensamentos internos externados à todos os que possuem acesso à internet (BARRETO, 2012).

O uso das mídias sociais entre indivíduos com objetivos de divulgação de pensamentos, sentimentos, juízos de valor, entre outros, formam a estrutura dos diários virtuais, que promoverão o dialogismo necessário para provocar uma das bases da cibercultura que é a interação, como vimos no capítulo anterior.

2.2. O DESENVOLVIMENTO DOS DIÁRIOS VIRTUAIS

O homem, ao longo da história, mostrou a necessidade de registrar lembranças e vivências desde os tempos remotos. Da era das cavernas até os dias atuais, os registros surgem como um legado às gerações futuras (CARVALHO & CARVALHO, 2005).

Muito além de lembranças, os registros são elementos de informação. Na definição de Aldo de Albuquerque Barreto, “a informação sintoniza o mundo” (1994, p. 4). A partir desta sintonia, ela participa da evolução e da revolução do homem em sua história. Como elemento organizador, a informação referencia o homem ao seu destino; mesmo antes de seu nascimento, através de sua identidade genética, e durante sua existência pela sua competência em elaborar a informação para estabelecer a sua odisséia individual no espaço e no tempo. (BARRETO, 1994)

¹⁰ Site de rede social onde é possível publicar e compartilhar diversos tipos de conteúdos, além de interações comunicacionais com amigos. <http://www.facebook.com.br>

Portanto, é importante compreender a relevância que os registros informacionais possuem para a sociedade. Primeiramente a escrita substituiu a oralidade, depois a multiplicação da informação através de diferentes meios, como as bibliotecas, deu suporte ao cultivo da memória (LE COADIC, 2004). Com isso se inicia uma explosão documental, engatilhada através da invenção da imprensa, dos tipos móveis por Gutenberg, no século XV. Este fenômeno ampliou o interesse pelo conhecimento na sociedade, provocando o desejo de deixar registrado, de se fazer lembrar e de espalhar acontecimentos locais, regionais, nacionais e mundiais.

A sociedade da informação, segundo Luciana e Mônica Carvalho (2005, p. 56) terá “o olhar direcionado para a sequência: rede, fluxo, inovação, por entender que esses são pontos que se completam, estão presentes e mostram um lado dinâmico e importante da sociedade”. Assim perceberemos que a sociedade é um prisma que possuirá várias dimensões para a informação. Ela será consumidora, produtora, receptora, crítica, questionadora, de forma que a informação possuirá um importante papel na estrutura social.

Diante do contexto em que a informação será, ao mesmo tempo, o produto e o próprio processo, ela terá uma relação muito próxima com o conhecimento e com a comunicação. Já que o conhecimento surge a partir de ideias sobre algo e este algo surge a partir da informação, qualquer informação “morta” pode se transformar em uma informação atual “viva”, fazendo com que o receptor reaja a essa informação e transforme tal conteúdo em conhecimento, organizando novas informações, levando novas ideias, tudo em um círculo virtuoso em que surgem novos emissores e receptores. (LE COADIC, 2004)

Isso mostra que a informação será a base para novos conhecimentos que gerarão novas informações e assim por diante. A partir deste dialogismo, teremos um insumo capaz de gerar ações, que terão a comunicação como predominante.

Partindo de sua definição que vem do latim *communicare*, cujo significado seria “tornar comum”, “partilhar”, “repartir”, “associar” e ainda “trocar opiniões”, vê-se que a comunicação é a resposta de um organismo a um estímulo e, ainda, é o processo que possibilita a troca de informações entre as pessoas; porém mais do que uma troca ou transferência de informação deve haver uma co-participação (CARVALHO & CARVALHO, 2005, p.7).

As trocas entre informação e comunicação como processo e como produto, terão como meta as transferências de informação aos indivíduos. Seja pelos meios orais,

escritos, eletrônicos etc., as formas de transferências serão inúmeras. Essa diversidade de suportes, aliada à evolução da informática, evidencia ainda mais a necessidade de tratamento e representação da informação, como forma de padronizar e permitir sua recuperação eficaz, independente do seu suporte.

A evolução nas formas de tratamento da informação trazem uma remodelação da manipulação dos itens informacionais, a partir da aplicação de novas tecnologias para o seu armazenamento, tratamento e difusão. Esses conjuntos de informações se traduzem em “estoques informacionais”.

Para Barreto (2000), estoque de informação é

[...] a reunião de estruturas de informação. Estoques de informação representam, assim, um conjunto de itens de informação organizados (ou não), segundo um critério técnico, dos instrumentos de gestão da informação e com conteúdo que seja de interesse de uma comunidade de receptores [...] (BARRETO, 2000, p.35).

Por algum tempo, era perceptível que os estoques de informação eram organizados e manipulados pela mídia tradicional, por possuir a técnica, profissionais especializados e o aval da sociedade. Dessa forma, a manipulação das informações acontecia de maneira arbitrária, onde os receptores assumiam seu papel absorvendo as informações em um processo, até certo ponto, unilateral.

No entanto, a pós-modernidade nos sugere que os registros informacionais, dentro do contexto da cibercultura e do prosumerismo, distanciam-se das questões de poder impostas pela manipulação por completo pela mídia, nem tem na imprensa o controle absoluto. Agora, eles se encontram no dia a dia das pessoas que publicam conteúdos em *blogs*, redes sociais digitais ou outros espaços do ambiente hipermediático. Assim, os diários virtuais se configuram como ambiente propício para que a comunicação seja algo pleno no exercício da exposição da vida particular ou na divulgação de informações de interesse coletivo, mas que não possui espaço na grande mídia.

Os diários virtuais são espaços hipermediáticos, onde se reconfiguram os processos de registros de memória utilizados pelos indivíduos há vários anos. A construção desses diários estabelece relação com a construção de *blogs* e sua proposta independente de produção de conteúdo, como aponta Megan Knight (*apud* MOTA; ALVES; OLIVEIRA, 2005, p. 134), ao afirmar que “a grande maioria dos *blogs* é de diários pessoais (...) os blogueiros estão desimpedidos de restrições tradicionais sobre

comentários ou opiniões (...) [que] podem — e frequentemente o fazem — mesclar fatos com opinião (...)”.

Essas premissas para indicar a estrutura dos *blogs* não se restringirão às páginas hospedadas em servidores e personalizadas para a utilização nos registros. A partir do instante em que a livre expressão, a possibilidade de compartilhamentos e comentários está disponível para que os receptores estabeleçam reações a partir das informações publicadas, teremos um diário virtual. Dessa maneira, *fan pages* como as do site de rede social Facebook podem ser exemplos de diários virtuais desenvolvidos em uma plataforma que trabalha as comunidades virtuais.

Além disso, a linguagem do cotidiano terá um importante papel na aproximação dos usuários aos diários virtuais. A informalidade, bastante comum nos relatos dos prosumidores, aproximam os leitores por compartilharem de realidades e linguagem horizontal, gerando o sentimento de pertencimento e um sentido mais completo do que está dito nos conteúdos. Esse fato terá relação com o pensamento de Austin e Ludwig Wittgenstein, apontada por Kanavillil Rajagopa-lan (2010), chamado de “filosofia da linguagem ordinária”, que revela a exposição de pensamentos, problemas e a rotina de maneira que se reúnem em torno destes diários virtuais uma rede de afirmação e credibilidade do sujeito do discurso, construída pela identificação do público com as realidades sociais, o cotidiano e a cultura do emissor.

Tal ação mostra que a internet pode e está sendo utilizada como ferramenta de mobilização social originada das experiências dos prosumidores relatadas nos diários virtuais, o que contribui fortemente para a ligação e identificação a partir de informações e pontos de vista não levantados na mídia tradicional.

As produções de diários virtuais muitas vezes geram repercussão nacional por estarem no ambiente online. O “ser ouvido” em seus questionamentos fortalece a função social dessa ação, tanto no desenvolvimento das páginas virtuais como a linguagem utilizada nos discursos. Isto é, a palavra se constitui como uma força social, já que é construída e utilizada pelos falantes e instituições que formam a sociedade, como também podem reverberar pedidos e indagações daquela mesma sociedade ou de outrem, justificada nas palavras de Bakhtin: “revela-se (...) como o produto da interação viva das forças sociais” (2002, p. 66).

No Facebook, as interações possuem, segundo Buber (2009), semelhanças de linguagem e pensamento pronunciados que carregam questões mais profundas em relação ao dialogismo e às aceitações do pensamento expresso. Assim, o que é essencial

neste contexto é o reconhecimento de que “os homens se ligam entre si e se reúnem, sob a égide de laços mútuos” (BUBER, 2009, p.397).

As interações recorrentes no Facebook deixam transparecer elementos fundamentais para a compreensão da condição humana, como a noção de poder e de dominação pretendida de um discurso em rede. Isto que dizer que o enunciador, ao expor relatos, informações e opiniões, deseja uma resposta do receptor que se identifique com seu discurso. Com isso, o objetivo é mostrar suas intenções para um diálogo que são, em sua maior parte, definidas na e para sua existência enquanto manifestação de pensamento.

Os anseios do homem, enquanto ser linguístico, e onde suas experiências o tornam um agente social, busca no Facebook o ouvinte ideal. Buber (2009) afirma que as relações entre sujeitos e mundo permitem ao homem querer expor suas relações e vivências de vida aos seus iguais, e os mecanismos verbais e, atualmente, os tecnológicos, tornam-se o meio para esta ação. “[...] O homem explora a superfície das coisas e as experiência. Ele adquire delas um saber sobre a sua natureza e sua constituição, isto é, uma experiência.” (BUBER, 2009, p. 44). Dessa maneira, os indivíduos se afirmam por intermédio de suas experiências e assim,

deixam vir à tona sua existencialidade discursiva no ciberespaço. Assim, ser um enunciador em espaços de redes sociais digitais é colocar seu diálogo em ação por meio de um Eu que se dirige a um Tu virtualizado no discurso e seus sentidos (BARRETO, 2012, p. 15).

Assim, pode-se aferir que no universo comunicativo e interacional do Facebook ocorrem articulações discursivas onde as ideias estão à disposição dos indivíduos, à espera de que alguém se transforme em leitor, assumindo alguma posição no discurso; comentando, curtindo, compartilhando entre os sujeitos conectados em rede. E assim, conteúdos diversificados ganham espaço e interesse pelos interlocutores, entre eles o discurso que possui um teor de mobilização social, como o discurso ciberativista que veremos a seguir.

2.3. O DISCURSO CIBERATIVISTA

O ciberativismo é uma prática que surge no contexto da cibercultura. É importante, para este estudo, compreender o significado deste termo, para o perfeito entendimento do estudo de caso que faremos no próximo capítulo.

Para Sérgio Amadeu da Silveira (2010), o ciberativismo é definido como o conjunto de práticas realizadas em rede com o objetivo de defender causas específicas. Seguindo a conceituação delineada por outros autores (ANTOUN; MALINI, 2010; MARZOCHI, 2009; SILVEIRA, 2010; UGARTE, 2008), pode-se aferir como meta ampliar os significados sociais através da circulação na rede de discursos e ferramentas de mobilização. Trata-se de uma nova cultura de ligação com os assuntos de uma cidadania em contexto global.

Manuel Castells (2011) pode ser considerado um dos primeiros autores que estudaram o ativismo em rede como forma de mobilização política e social. Autor da trilogia “Sociedade em Rede”, Castells trabalha com a ideia de que os grupos engajados na internet comprometeriam o monopólio das estruturas sociais, principalmente os relacionados à mídia. Para Castells, no contexto pós-moderno, os mecanismos de controle social entram em descrédito devido à ação de indivíduos que travam lutas sociais no ciberespaço, criando um espaço propício para o ciberativismo, mesmo que não seja exatamente este termo que ele utiliza para se referir ao ativismo em rede.

Castells irá determinar dois pontos que justificam o surgimento do ciberativismo. Primeiro, os movimentos sociais mobilizados essencialmente em torno de disputas de significados na sociedade. Dessa forma será possível compreender a importância do uso da internet como espaço de comunicação de valores e mobilização em torno destes significados. Segundo, os movimentos sociais terão como objetivo ocupar o espaço deixado pela crise das organizações, como refere Castells (2001), ou, como na definição de Bauman (2001), o derretimento dos sólidos da modernidade. Assim, os movimentos da internet podem alcançar impacto significativo sem a estrutura, por exemplo, de um partido político, necessitando apenas do engajamento coletivo através da rede. Por fim, com a ideia de que o poder funciona cada vez mais em redes globais, Castells (2001) aponta que o alcance global facilitado pela rede impacta no acesso à mídia através de ações simbólicas.

David de Ugarte (2008) também conceitua o ciberativismo, porém, baseado no poder que a internet proporciona. Para o autor (2008), ciberativismo é uma estratégia

elaborada por grupos que utilizam a internet para questionamentos sociais, baseando-se nos temas do cotidiano social e de interesse de quem está levando tais informações ao público, alçando tais ideias aos meios de comunicação tradicionais. Ugarte elenca o discurso, as ferramentas e a visibilidade como as três práticas que compõem o ciberativismo, tornando-o uma estratégia que depende da mobilização coletiva:

O ciberativismo é uma estratégia para formar coalizões temporais de pessoas que utilizando ferramentas dessa rede, geram a massa crítica suficiente de informação e debate, para que este debate transcenda à blogosfera e saia à rua, ou modifique, de forma perceptível o comportamento de um número amplo de pessoas (UGARTE, 2008, p. 111).

Essa tipologia utilizada por Castells (2001) propõe uma análise totalmente calcada nas encenações discursivas de tais movimentos. Seja diante da construção de sua máscara discursiva (autodefinição, identidade) (Charaudeau, 2008), de sua meta de mudança social ou mesmo pela afirmação do adversário do movimento, todas essas categorias de análise retomadas por Castells (2001) podem ser identificadas nas construções discursivas desses movimentos.

A compreensão da importância do discurso como prática ciberativista é marcada na obra de David de Ugarte (2008). Segundo esse autor (2008), são as construções discursivas que estabelecem os componentes identitários elaborados pelos grupos ativistas diante do ambiente distribuído da internet. Ou seja, indivíduos da rede, ao se identificarem com o sujeito destinatário da enunciação (Charaudeau, 2008), podem se engajar na causa ciberativista, permitindo “a comunicação entre pares desconhecidos sem que seja necessária a mediação de um ‘centro’, ou seja, assegura o caráter distribuído da rede e, portanto, sua robustez de conjunto” (Ugarte, 2008, p. 57). A dimensão de uma possível ação ciberativista dependeria da quantidade de enunciadores que se identificassem com a identidade criada pelos ativistas através do ato de linguagem escoado pela rede.

Para Ugarte (2008), o discurso faz parte de um tripé de sustentação do ciberativismo que, composto pelas ferramentas e pela visibilidade, baseia-se no “empoderamento individual” pelo uso da internet. Neste contexto, o que Ugarte (2008) chama de ferramentas se refere à ideia do “faça você mesmo”, da criação de mecanismos para realização das ações ciberativistas. Já a visibilidade é conceituada por Ugarte (2008) como o objetivo de luta permanente destes movimentos.

A partir do entendimento deste tripé de sustentação do ciberativismo, Ugarte (2008, p.58) define o ciberativista como “alguém que utiliza a Internet [...] para difundir um discurso e colocar à disposição pública ferramentas que devolvam às pessoas o poder e a visibilidade que hoje são monopolizadas pelas instituições”.

O conceito de ciberativismo de Ugarte (2008) é baseado na utilização da rede como forma de legitimação de um discurso em busca de um agendamento das discussões e mudanças propostas pelos movimentos. Dessa maneira, o autor não considera o ciberativismo como uma técnica, mas sim como uma estratégia que persegue a mudança da agenda pública (UGARTE, 2008). A partir de suas considerações sobre o ciberativismo, Ugarte (2008) irá determinar duas formas de utilização das estratégias. A primeira tem a lógica de campanha, com um centro e ações organizadas para difusão de uma ideia. O segundo tipo é a mobilização em busca da criação de um grande debate social distribuído e sem previsão das consequências. Estes dois tipos de ciberativismo, observando suas repercussões, não se dissociam. Quando as práticas ciberativistas são postas em ação, as apropriações podem ocorrer das mais variadas maneiras.

André Lemos (2006), ao considerar o ciberativismo como as práticas sociais de colaboração para o uso político da rede, pensa em três grandes tipos de ciberativismo:

1. conscientização e informação, como as campanhas promovidas pela Anistia Internacional, Greenpeace ou a Rede Telemática de Direitos Humanos;
2. organização e mobilização, a partir da Internet, para uma determinada ação (convite para ações concretas nas cidades) e;
3. iniciativas mais conhecidas por “hacktivismo”, ações na rede, envolvendo diversos tipos de atos eletrônicos como o envio em massa de emails, criação de listas de apoio e abaixo-assinados, até desfiguramentos (defacing) e bloqueios do tipo DoS (Denial of Service) (LEMOS, 2006, p. 2).

Assim como os tipos de ciberativismo de Ugarte (2008), as tipologias de Lemos (2003) representam categorias de difícil dissociação e que talvez já não abarquem a complexidade atual da rede. É o caso da Wikileaks, organização que elaborou uma ferramenta de submissão de documentos de forma anônima, possibilitando o vazamento de informações consideradas confidenciais por governos e grandes corporações. Tal utilização ativista da rede não estaria contemplada, tanto nas tipologias de Lemos (2003), quanto nas de Ugarte (2008).

Sites de redes sociais são campo fértil para a proliferação das ações ciberativistas. Por se tratarem de um ambiente de troca entre atores sociais (Recuero,

2009), estes mecanismos proporcionam ferramentas de cooperação e agregação que facilitam a ação coletiva. Pelo seu caráter mais horizontal de comunicação, os sites de redes sociais garantem visibilidade a mobilizações nas quais se engajam um número relevante de indivíduos. Eles tendem a facilitar mobilizações ciberativistas na qual engajamento pode significar visibilidade, seja entre os atores sociais de determinada rede ou, em muitos casos, visibilidade midiática. Assim, é possível aferir que tais mecanismos irão se consolidar tanto pela abrangência quanto pela facilidade de utilização, fortalecendo o comportamento de prática ciberativista.

Seguindo este pensamento, é possível considerar que o engajamento coletivo gera uma visibilidade que é buscada através da utilização dos sites de redes sociais e ligada a uma performance dos indivíduos ciberativistas. Isto é, exibir sua identificação com determinada causa aos indivíduos conectados à rede, buscando persuadi-los a também compartilharem de determinado valor, e assim ampliar o alcance da mobilização.

Diante do que foi exposto, sobre o poder dialógico em rede e a sua capacidade de gerar mobilização em torno de causas sociais, reunindo pessoas engajadas em causas diversas, escolhemos a *fan page* brasileira Diário de Classe para justificar as práticas dialógicas e engajadoras do prossumerismo da cibercultura, estudo de caso que veremos detalhadamente no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 3

ESTUDO DO CASO DIÁRIO DE CLASSE

3.1. ISADORA FABER E O DISCURSO CIBERATIVISTA

Isadora Faber é uma adolescente catarinense de 13 anos, que vive com a família – os pais, irmãos e avó – na cidade de Florianópolis, Santa Catarina¹¹.

Aluna do 7º ano da Escola Básica Municipal Maria Tomázia Coelho, Isadora representa uma parcela da juventude brasileira que frequenta as escolas públicas do país: 41,3 milhões, segundo o Censo Escolar de 2011¹². Dessa forma, Isadora vivencia um cotidiano bastante comum para alunos de escolas públicas que sofrem com os principais problemas educacionais do Brasil, como estruturas precárias das escolas, alimentação de má qualidade, desestímulo dos professores e dos alunos, além do ambiente de problema sociais vistos com mais frequência nestas escolas.



Figura 1: Isadora Faber

¹¹ As informações sobre Isadora Faber foram colhidas na descrição do seu perfil na página Diário de Classe.

¹² <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/brasil-tem-1-milhao-de-alunos-a-menos-na-rede-publica-a-cada-ano/n1597225887704.html> Acessado em 14/11/2013.

Isadora também representa outra realidade brasileira: a geração de jovens conectados. Segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil¹³, 70% das crianças e adolescentes do Brasil, entre 9 e 16 anos, possuem um perfil em alguma rede social, superando o continente europeu, onde 57% dos indivíduos nessa faixa etária possuem perfis em redes sociais digitais.

A estudante, inserida em dois contextos peculiares, apropriou-se da realidade brasileira que vivencia e sua habilidade no uso dos recursos da internet para lutar pela causa de melhorias da educação da sua escola e, por extensão, para todo o Brasil. Assim começa a história de ciberativismo de Isadora Faber e sua página “Diário de Classe”.

3.2. DESCRIÇÃO DA PÁGINA DIÁRIO DE CLASSE

Em 11 de julho de 2012, Isadora Faber criou a *fan page*¹⁴ “Diário de Classe” no Facebook¹⁵. O objetivo principal era denunciar o estado em que se encontrava a sua escola. Segundo a estudante, a ideia para a criação da página – que atualmente já ultrapassa os 628 mil *likes*¹⁶ – se originou da estudante escocesa Marta Payne¹⁷, que desenvolveu um blog para denunciar a qualidade das merendas das escolas britânicas (TODA TEEN, 2013).



Figura 2: capa da *fan page* Diário de Classe

¹³ <http://idgnow.uol.com.br/internet/2012/10/02/jovens-do-brasil-usam-mais-redes-sociais-do-que-adolescentes-europeus/>

¹⁴ *Fan page* é o sinônimo de página de fãs no site de redes social Facebook, em que o Diário de Classe é um exemplo.

¹⁵ <https://www.facebook.com/DiariodeClasseSC?fref=ts>

¹⁶ Forma como é chamado o ato de começar a seguir a página para acompanhar as publicações.

¹⁷ <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/05/blog-de-menina-com-criticas-a-merenda-obriga-escola-a-mudar-cardapio.html>

A visão da estudante através de suas postagens direciona os interlocutores a questionamentos sobre a realidade da educação brasileira, fazendo com que as fotos e conteúdos que são publicados tenham um alcance maior do que apenas a cidade de Florianópolis. Fica perceptível a preocupação de Isadora Faber em participar ativamente da vida escolar, buscando através das denúncias e críticas impetradas à escola, melhorar a realidade educacional em que vive. Lembrando que os resultados dessa transformação seriam aproveitados por todos os alunos, logo, a ação particular de Isadora reflete em um benefício comunitário, o que corrobora com o que falamos no capítulo 1, sobre a cultura da participação.

Através de fotos, vídeos, textos e com muita determinação, Isadora não se limitava a denunciar os problemas dos espaços físicos de sua escola. Ausência de professores, qualidade da comida servida na hora da merenda, problemas da educação do Brasil em geral são tomados como pauta para o desenvolvimento de conteúdos quase que diariamente. Aos poucos, a repercussão dos conteúdos publicados pela aluna teve grande destaque na mídia nacional, além do apoio de colegas e de pessoas tanto no Brasil como no exterior, fazendo com que Isadora seja considerada pelo jornal inglês *Financial Times* um dos “25 brasileiros que devem ser observados” na categoria social¹⁸.

No entanto, tal destaque veio acompanhado de diversos problemas para a vida da adolescente. No dia 05 de novembro de 2012, a residência de Isadora sofreu ataques de vândalos, tendo sido apedrejada. De acordo com a publicação feita pela estudante em sua página, a sua avó, que reside na mesma casa, foi atingida por uma das pedras. Além disso, a estudante acumula uma série de processos impetrados por professores e outras pessoas envolvidas em casos denunciados por ela. Uma violência tão intensa e irracional mostra de forma clara a insatisfação de uma parcela das pessoas em relação aos conteúdos da estudante, que está envolvida com questionamentos de relevante valor social.

Ao longo do tempo, as postagens ganharam força e tiveram resultados positivos, no sentido da depredação denunciada ter sido reparada. Várias melhorias foram realizadas na escola de Isadora, assim como a estudante foi convidada para participar de eventos da área de educação e ciberativismo. O seu conteúdo não consiste apenas em

¹⁸ <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/02/jornal-ingles-inclui-isadora-faber-em-lista-de-25-brasileiros-destaques.html>

críticas, mas ela relata as coisas boas do dia a dia. Além disso, a estudante se prepara para lançar um livro relatando os bastidores da administração do Diário de Classe.

A partir desta contextualização, a próxima etapa segue com a análise dos discursos dos conteúdos publicados por Isadora Faber em sua página Diário de Classe.

3.3. ANÁLISE DOS DISCURSOS DA PÁGINA DIÁRIO DE CLASSE

O discurso de Isadora em sua página Diário de Classe será percebido em três características básicas: o ativismo promovido em prol da melhoria da educação, o relato cotidiano do que acontece em sua escola e o diálogo que trava com seus interlocutores.

Além disso, podemos dividir os tipos de conteúdos que ela coloca entre denúncias, elogios, opiniões e compartilhamentos, mostrando que ela trata a página como um diário virtual, porém, um diário que registrará suas relações com a questão da educação.

Assim, é possível apontar os seguintes conteúdos na página Diário de Classe:

3.3.1. Opiniões sobre acontecimentos relacionados à educação no Brasil

Isadora busca publicar seus pontos de vista acerca dos problemas e conquistas da educação no Brasil, mostrando um discurso ativista que se coloca diante dos obstáculos à qualidade educacional. Na imagem abaixo, Isadora fala dos acontecimentos acerca da redução dos salários dos professores em Juazeiro do Norte, Ceará.



Figura 3: Texto sobre a redução dos salários dos professores de Juazeiro do Norte-CE, na página Diário de Classe.

3.3.2. Relato de acontecimentos diários da escola

Quase que diariamente, Isadora publica detalhes sobre as aulas ministradas em sua escola.

Entre professores que dão suas aulas corretamente ou que não dão a devida atenção ao seu papel como educador, e entre as várias críticas que Isadora aponta nas aulas, o relato abaixo mostra a revolta da aluna por constatar que na falta de professores efetivos da instituição, os professores substitutos apenas colocam filmes para que eles assistam durante a ausência do professor.

Por esse tipo de conteúdo, Isadora já foi processada por dois professores. No entanto, tais postagens recebem o apoio de seus seguidores, que também consideram absurda tal atitude.

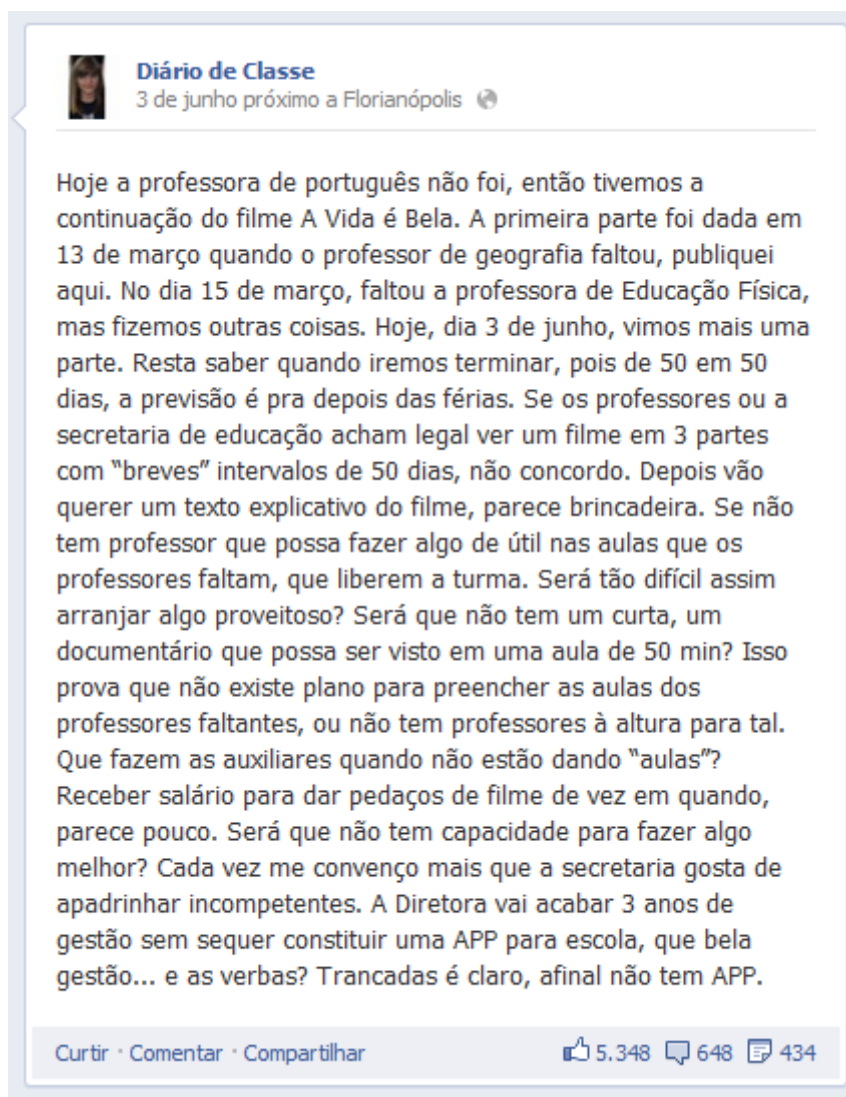


Figura 4: Texto sobre a ausência de professores da escola, publicada na página Diário de Classe.

3.3.3. Premiações recebidas e eventos com a participação de Isadora Faber

Com a repercussão positiva da *fan page* Diário de Classe, Isadora começa a receber convites para eventos ligados à educação, ciberativismo e mídias sociais, além de receber premiações que homenageiam atitudes como a da estudante.

Esse tipo de conteúdo divulga os frutos conquistados por Isadora a partir de sua atitude, mostrando a importância de cuidar dos rumos da educação brasileira.

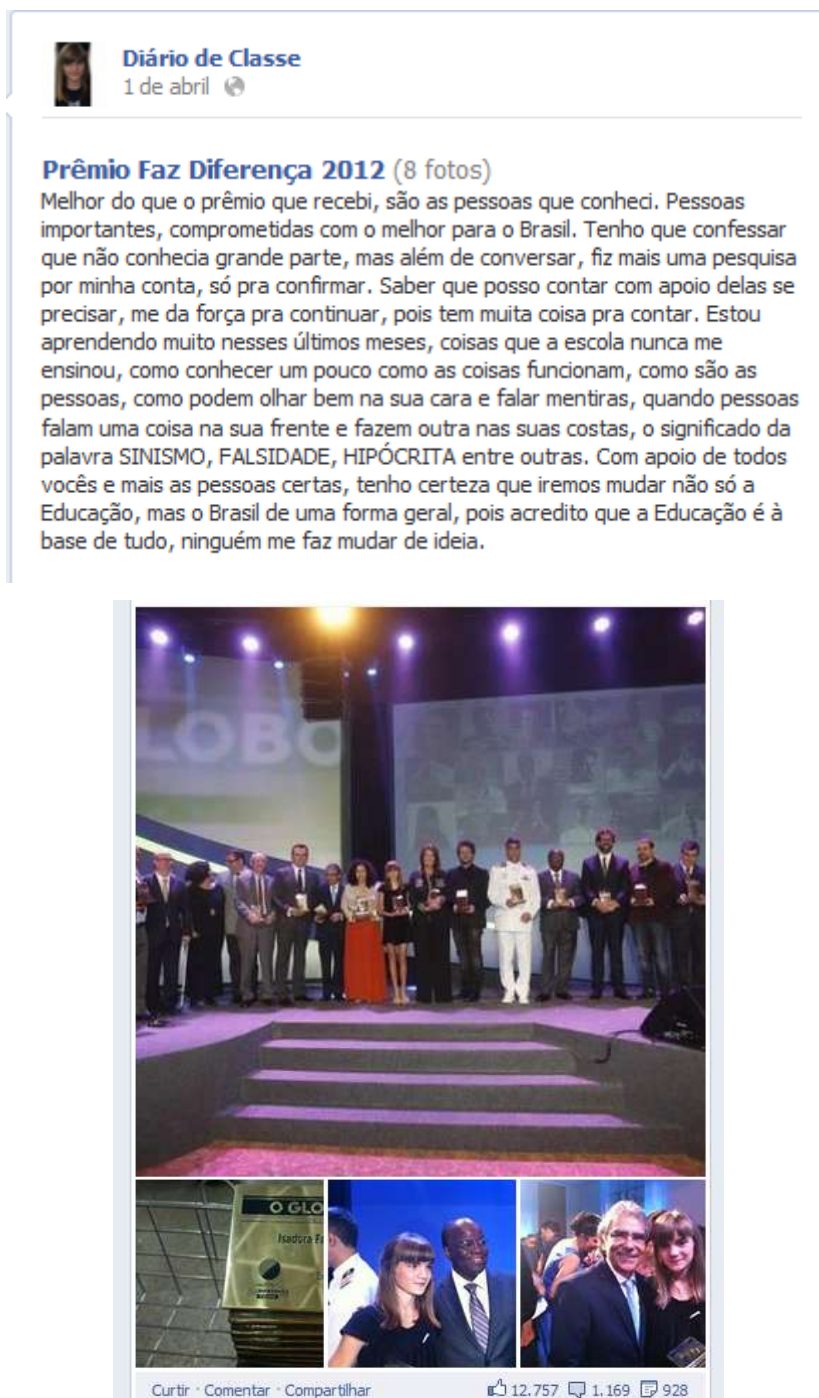


Figura 5: Fotos de eventos e premiações com a presença de Isadora Faber

3.3.4. Compartilhamento de mensagens enviadas por seguidores da página Diário de Classe

Isadora recebe inúmeras mensagens com conteúdos inspiradores e críticas em seu diário virtual. Tais conteúdos não são desprezados pela adolescente, que costuma escrever ou fazer vídeos onde ela expõe seu agradecimento pelas mensagens. Entre essas mensagens, as pessoas apresentam cantores e compositores que, de alguma forma, interpretam canções com teor ativista, que inspiram os pensamentos da jovem.



Figura 6: Isadora compartilha vídeo de música enviado por um seguidor.

3.3.5. Mensagens de apoio ao ativismo de Isadora Faber

Além de conteúdos como músicas, livros entre outros, mensagens de apoio são enviadas para Isadora. Formadores de opinião ou pessoas comuns realizam menções à página, como forma de divulgação do trabalho de Isadora, fortalecendo assim os laços dialógicos entre Isadora e o público que acompanha seu dia a dia escolar.



Figura 7: Mensagem de apoio em vídeo de fã, compartilhada por Isadora na página Diário de Classe.

3.3.6. Relatos de ameaças, processos e B.O's contra Isadora Faber

Isadora, por sua atitude ativista, além de elogios, recebe muitas críticas. No entanto, algumas chegam a extremos, onde a violência física e moral ocorrem com certa frequência.

Entre xingamentos, ameaças de morte e processos por apontar críticas a determinados professores, Isadora tem a sua vida invadida pelos que defendem a situação de descaso com a educação.

Isadora possui um discurso que denuncia problemas e descasos em uma linguagem marcada pela idade e ingenuidade de uma adolescente de 13 anos, o que acarreta certa incompreensão por parte dos leitores que não concordam com as

reivindicações de Isadora, que normalmente são alunos, professores e diretora da escola. O que mais assusta, porém, é o posicionamento dos principais beneficiados pela causa de Isadora, tanto da não concordância com suas críticas, quanto da atitude violenta com que tratam a questão.

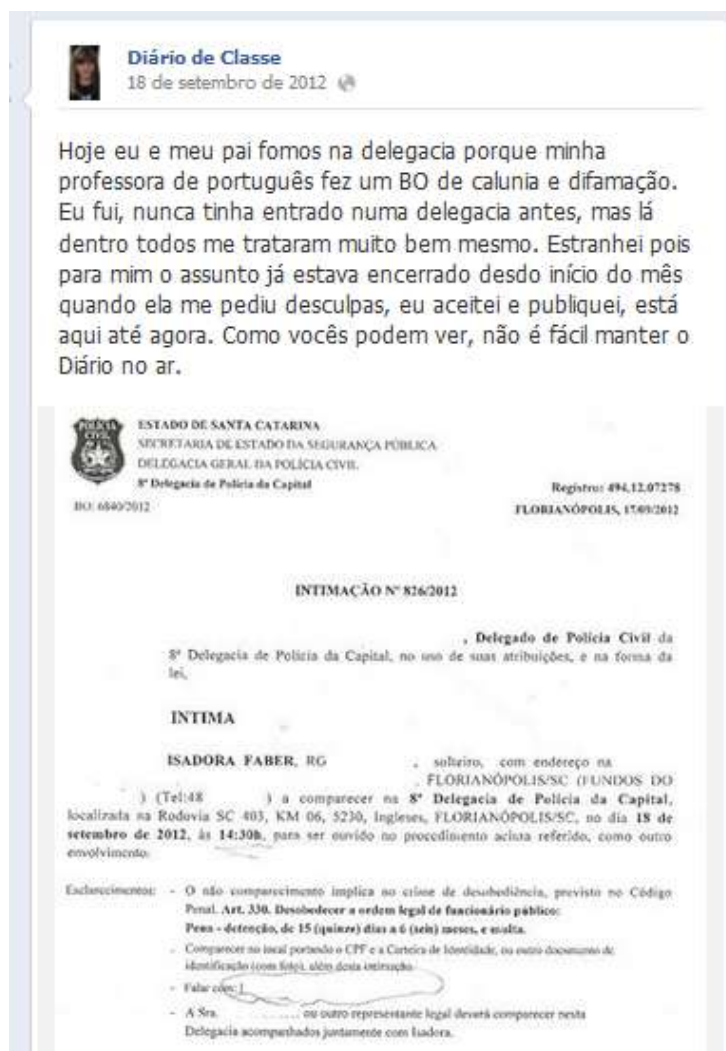



Figura 8: Postagem sobre o processo contra Isadora Faber.

3.3.7. Denúncias de problemas das instalações da escola

Esses são os conteúdos mais recorrentes na fala de Isadora. Foi a partir destas denúncias que a *fan page* Diário de Classe surgiu e se popularizou no Brasil.

Isadora procura acompanhar o passo a passo dos problemas denunciados em sua página. Um dos casos que gerou a maior repercussão foi em torno da dificuldade de realização de pintura da quadra de esportes da escola, que não foi feita no mesmo período de reformas que tinha ocorrido na época. Diariamente, Isadora postava fotos em que, com certo tom de ironia, mostrava que não havia impedimentos para ocorrer a

pintura da escola. Isso desencadeou ameaças de morte e atos de violência contra ela, relatados no item anterior. No final, a quadra foi pintada, mostrando que a luta de Isadora obteve um resultado positivo, apesar dos problemas sofridos por ela.



Diário de Classe

20 de setembro de 2012 🌐

Meu pai vem falando com a Diretora da escola a 2 semanas, desde que eu falei com ele que estranhei que as reformas foram feitas e a quadra da escola continuava igual. Ele foi perguntar se tinham esquecido ou o que aconteceu. Ela informou que contratou uma empresa local para fazer o serviço a mais de 2 meses, desde antes das férias, PAGOU pelo serviço adiantado mas até agora nada. Questionada qual nome da empresa, ela simplesmente nega informar, dizendo que está tudo resolvido e que possivelmente dentro desse mes o trabalho será realizado. Importante salientar que o material já foi comprado e esta a disposição na sala dela. Agora, ser conivente com essa situação, preservar uma empresa que não tem o menor respeito com a escola e com os alunos que nela estudam, que já recebeu a + de 2 meses e ainda não fez o serviço é realmente muito estranho. Por que isso? Por que não diz quem é essa empresa que cobrou e não prestou o serviço? Vale lembrar ainda que no final de agosto a Secretaria da Educação disse: "Segundo um levantamento, a escola tem uma pendência junto à prefeitura, o que impede que ela faça o saque de 16.000 reais a quem tem direito para a manutenção. Isso ocorre porque a direção não prestou contas de seus gastos em 2011." Esta na hora da prestação de contas, transparência, onde esta indo o dinheiro e, mais importante ainda, que foi feito com esse dinheiro que não foi prestado contas? Por favor diretora, explique para todos o que esta havendo... esse espaço esta a sua disposição para as explicações. (Esta postagem tem o apoio e participação do meu pai).



Figura 9: Reclamação acerca da falta de pintura da quadra escolar.

3.3.8. Elogios às melhorias realizadas na escola

Além das denúncias, Isadora também comenta os resultados de suas reivindicações. As fotos irão mostrar as melhorias encontradas por Isadora na escola, explicando seu contentamento ao ver os frutos colhidos a partir da exposição dos problemas e a necessidade de resolvê-los.



Figura 10: Fotos de melhorias da estrutura da escola.

3.3.9. Tipo e qualidade dos lanches servidos diariamente na escola

Inspirada pela *blogueira*¹⁹ escocesa Marta Payne, Isadora Faber registra diariamente o que comeu e sua opinião a respeito da comida servida na escola. Ela intercala entre tirar fotos ou apenas relatar o cardápio, dependendo dos recursos que ela dispõe para montar a publicação. Dessa forma, ela mostra como sua escola trata a questão nutricional em suas dependências, como forma de melhorar a vida dos estudantes.

¹⁹ Nome dado às pessoas que escrevem em *blogs*



Figura 11: Mensagem de divulgação do cardápio servido diariamente na escola de Isadora Faber.

A partir da exposição dos tipos de conteúdos publicados por Isadora Faber na *fan page* Diário de Classe, podemos identificar vários elementos estudados ao longo desta pesquisa. A cultura hipermediática, enquanto estimuladora de comportamentos engajados, participativos, focados em causas para um bem comum. O prossumerismo enquanto técnica para a produção de conteúdos que chamam os indivíduos à participação, produzidos por pessoas comuns que só possuem um desconforto com situações desfavoráveis e buscam mudá-las. Os discursos que dialogam com o contexto social, com a história das sociedades e com as vivências do autor, para compartilhar pontos de vista e ideologias que são identificadas pelas pessoas com os mesmo pensamentos.

Com isso, podemos aferir que a *fan page* Diário de Classe se torna um exemplo de uma realidade na sociedade pós-modernista e, como tal, poderá responder uma série de questões a respeito das novas dinâmicas comunicacionais com a presença da internet.

CONCLUSÃO

Ao longo destes três capítulos, foram apontados assuntos com grande pertinência para se identificar como a internet reconfigurou os discursos boca a boca em estratégias de participação e engajamento por causas de relevância para a sociedade.

No capítulo 1, investigou-se as origens e a evolução da internet, tornando mais esclarecedor o processo de como a nova mídia, a partir de suas peculiaridades, torna-se uma ferramenta poderosa de comunicação, em relação às mídias tradicionais. Ainda neste capítulo, identificamos a cibercultura como um elemento central nas características que traçam o perfil da sociedade pós-moderna. Deu-se atenção específica às reconfigurações da cultura no ciberespaço, com foco no conceito de prosumerismo nas redes sociais da internet, fortalecendo a ideia de que a comunicação e as interações no ciberespaço permitiram um estímulo à cultura da participação e ao engajamento em causas importantes para a vida em comunidade.

Com a leitura do segundo capítulo, as pesquisas tiveram o foco na linguagem e nos discursos como forma para buscar o entendimento acerca da importância da palavra escrita e falada na formação do sentido. Assim, é perceptível que a linguagem é um elemento social que guarda características do grupo social em que participa. Além disso, o contexto social da comunidade e a história são fatores determinantes não apenas na formação da linguagem, mas também em como os discursos são estruturados e quais tipos de conteúdos são peculiarmente relacionados a determinadas culturas. Os diários virtuais, outro tema apresentado neste capítulo, tem a condição de condensar as características da cultura hipermidiática, sendo usados como ferramentas para o ciberativismo, e tem na análise dos discursos, uma forma de evidenciar as características que compõem os enunciados ativistas.

Partindo para o capítulo 3, no estudo de caso da *fan page* Diário de Classe, podemos enxergar os elementos discutidos nos capítulos anteriores, tanto na forma de participar e se engajar da produtora dos conteúdos, Isadora Faber, como nos sentimentos promovidos pelos conteúdos que a adolescente publica em seu diário virtual. Com isso, buscamos traçar a linha editorial construída na página, de maneira a tornar mais claras as correlações empregadas entre os discursos dos diários virtuais no contexto da cibercultura.

A problemática inicial do trabalho, que era investigar como os discursos produzidos nos diários virtuais em redes sociais da internet poderiam mobilizar transformações sociais pode ser respondida a partir das temáticas que envolvem a questão. O nascimento e desenvolvimento do Diário de Classe aponta a direção dos comportamentos dos indivíduos em tempos de internet. Com o poder de transmitir informações, opiniões e produzir um conteúdo em prol de uma causa, os problemas de toda uma comunidade encontram na internet espaço, voz e poder, estimulando o surgimento de outros indivíduos como Isadora Faber.

No entanto, é preciso uma certa cautela para afirmar que os diários virtuais sejam totalmente benéficos, pois o prosumerismo pode, ao mesmo tempo, estimular transformações sociais e engajamentos a causas justas, como pode defender críticas e informações infundadas a respeito de determinados temas. Isso pode ser prejudicial ao senso crítico e ao gasto de energia em ideologias sem fundamento.

Conclui-se com esta pesquisa que o comportamento engajado dos indivíduos atualmente possuem influência nas possibilidades que a tecnologia fornece para um exercício de interações e liberdade de expressão. A expectativa é que os discursos ciberativistas sejam apoiados e compartilhados com base em um conteúdo relevante e verdadeiro, levando a sociedade ao questionamento sobre as questões que estão prejudicando o desenvolvimento da comunidade como um todo. Assim, poderemos identificar que a participação e o engajamento dos indivíduos a partir do ciberespaço possam promover as transformações necessárias para um mundo melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa**. New York: Hyperion, 2006.
- BAKHTIN, Mikail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. **A questão da informação**. São Paulo: Perspec. 1994, vol.8, n.4.
- _____. Os Agregados de informação - Memórias, esquecimento e estoques de informação. **Revista DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação**. v. 1, n. 3, Junho, 2000.
- BARRETO, Robério Pereira. **Vozes Existenciais no Facebook: o lugar do eu e do tu dialógicos**. In: 4º Simpósio Hipertexto e Tecnologias da Educação, 2012, Pernambuco. Anais 2012, Pernambuco.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.
- BRESSAN, Renato Teixeira. **YouTube: intervenções e ativismos**. In: Anais do XII Congresso da Comunicação na Região Sudeste/ V Encontro Regional de Comunicação. Juiz de Fora, 2007.
- BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialogismo**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CARDOSO, Gustavo. **A Mídia na Sociedade em Rede. Filtros, Vitrines, Notícias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 2.ed.; São Paulo: Paz e Terra, vol. 1, 1999.
- CARVALHO, Luciana Moreira; CARVALHO, Mônica Marques. O registro da memória através dos diários virtuais: o caso dos blogs. In: **Revista Emquestão**. V. 11, n. 1, 2005.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2008. Tradução de Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz.
- CZAJKOWSKI JÚNIOR, Sérgio. **A Sociedade Da Informação E A Importância Do Capital Intelectual Para A Gestão Urbana**. Dissertação apresentada no programa de Mestrado em Gestão Urbana da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2004.
- DOMINGUES, Izabela. Netizens e prosumers: novas mídias, co-criação e consumerismo político. In: **Mídias Sociais: Perspectivas, Tendências e Reflexões**. Disponível em <http://issuu.com/papercliq/docs/ebookmidiassociais>, 2010. pp.63-69.

_____. **Terrorismo de marca: Publicidade, Discurso e Consumerismo Político na Rede.** São Paulo, Confraria do Vento, 2013.

FEATHERSTONE, Mike. **A globalização da mobilidade: experiência, sociabilidade e velocidade nas culturas tecnológicas.** In: Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

FIORIN, J L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber.** 24. ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2009.

GOSCIOLA, Vicente. **Roteiro para as novas mídias: do games à TV interativa.** São Paulo: Senac, 2000.

HALL, Stuart. "The work of representation". In: HALL, Stuart (org.) **Representation. Cultural representation and cultural signifying practices.** London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

HARVEY. David. **Condição Pós-Moderna.** São Paulo: Loyola, 1992.

HINTCHCLIFFE, Dion. **Review of the year's best Web 2.0 explanations.** http://web2.wsj2.com/review_of_the_years_best_web_20_explanations.htm, 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro, Editora: Objetivo, 2001.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação.** Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LEMOS, André. **Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea.** 5.ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____. **Olhares sobre a cibercultura.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **Inteligência Coletiva.** Edições Loyola, São Paulo – SP, 1998.

LYON, David. **A Sociedade da Informação: questões e ilusões.** Oeiras: Editora Celta, 1992.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação).** Revista FAMECOS. Porto Alegre, 2003. v. 20 p. 13-20.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOTA, Flávia Moreira Mota; ALVES, Iulo Almeida; OLIVEIRA, Marília Flores Seixas. Sujeitos na linguagem em diários virtuais: aproximações entre os casos Isadora Faber e Malala Yousufzai. In: **Revista Fólio – Revista de Letras**. V 4, n. 2, 2012. Pp 127-139.

O'REILLY, Tim. **Web 2.0: compact definition?** Disponível em http://radar.oreilly.com/archives/2005/10/web_20_compact_definition.html.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PRIMO, Alex. **Interação Mútua e Interação Reativa: uma proposta de estudo**. In: Intercom 1998 - XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1998, Rio de Janeiro. Anais, 1997, Rio de Janeiro

_____. **O aspecto relacional das interações na web 2.0**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Anais, 2006.

_____. **Perspectivas interacionistas da comunicação: alguns antecedentes**. Livro da COMPÓS 2008, Org. Alex Primo et. al. Porto Alegre: Sulina, 2008.

RAJAGOPALAN, Kanavilil. **Nova pragmática: fases e feições de um fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Editora Sulina - Porto Alegre, RS - 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Hermílio. **Alteridade, decepção e estigma no ciberespaço: desdobramentos da interação social mediada**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 26, p. 41-46, 2005.

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo**. Revista USP., v.1, p.28 - 39, 2010.

TEIXEIRA, Marcelo Mendonça, Prosumer: a consequência da virtualização midiática. In: **Revista Temática**, Ano IX, n. 02 – Fevereiro, 2013. Pp. 1-12.

UGARTE, David de. **O poder das redes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

ULBRICHT, Vânia Ribas. ULBRICHT, V. R. Conceitos, definições e metodologia para desenvolvimento de ambiente hipermediáticos. In: _____. **Ambientes Adaptativos: trilhando novos caminhos para a hipermídia.** Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2005. Cap. 2, p.19-34.